



UNIVERSIDADE FEDERAL PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ARQUIVOLOGIA

DEREK WARWICK DA SILVA TAVARES

**A MIOPIA DO OLHAR: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS ALUNOS DE  
ARQUIVOLOGIA E BIBLIOTECONOMIA DA UFPB A RESPEITO DO  
CURSO DE ARQUIVOLOGIA E DA PROFISSÃO ARQUIVÍSTICA**

João Pessoa, PB  
2011

**DEREK WARWICK DA SILVA TAVARES**

**A MIOPIA DO OLHAR: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS ALUNOS DE  
ARQUIVOLOGIA E BIBLIOTECONOMIA DA UFPB A RESPEITO DO  
CURSO DE ARQUIVOLOGIA E DA PROFISSÃO ARQUIVÍSTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Graduação em Arquivologia do Centro de  
Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal da  
Paraíba, como requisito parcial para obtenção do grau  
de Bacharel em Arquivologia.

**Orientador:** Prof. Dr. Edvaldo Carvalho Alves

João Pessoa, PB  
2011

## FICHA CATALOGRÁFICA

T231m      Tavares, D. W. da Silva.  
              **A miopia do olhar:** representações sociais dos alunos de  
              Arquivologia e Biblioteconomia da UFPB a respeito do curso de  
              Arquivologia e da profissão arquivística/Derek Warwick da Silva  
              Tavares - João Pessoa: O Autor, 2011.  
              67 f.: il., gráficos e tabelas.

              Orientador: Dr. Edvaldo Carvalho Alves  
              Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em  
              Arquivologia) – Universidade Federal da Paraíba. CCSA.  
              Coordenação de Arquivologia 2011.

              1. Arquivologia 2. Arquivista. 3. Representações Sociais.  
              I. Alves, Edvaldo Carvalho (Orient.). II. Título.

**DEREK WARWICK DA SILVA TAVARES**

**A MIOPIA DO OLHAR: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS ALUNOS DE  
ARQUIVOLOGIA E BIBLIOTECONOMIA DA UFPB A RESPEITO DO  
CURSO DE ARQUIVOLOGIA E DA PROFISSÃO ARQUIVÍSTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Graduação em Arquivologia do Centro de  
Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal da  
Paraíba, como requisito parcial para obtenção do grau  
de Bacharel em Arquivologia.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/2011.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Edvaldo Carvalho Alves (UFPB)  
Orientador

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira (UFPB)  
Membro

---

Prof<sup>a</sup>. Ms. Geysa Flávia Câmara de Lima Nascimento (UFPB)  
Membro

*Aos meus familiares, por acreditarem que seria possível.  
A Yúrika Sato, pelos momentos de incentivo e companheirismo constante,*

Dedico

## AGRADECIMENTOS

*Não escrevo por mãos sozinhas, mas com aquelas que me ajudam e me ajudaram a fazer não somente este trabalho, mas também parte de minha caminhada.*

*Agradeço, portanto, aos meus pais, Germano Tavares e Maria da Conceição Tavares, por não terem medido esforços e sacrifícios na busca por uma educação pessoal de qualidade, e terem incentivado, sobretudo, os estudos. Por terem sido meus pais, meus amigos, meu refúgio, meu alicerce em tudo. Sei que palavras sempre serão insuficientes para dizer o quanto foi importante sua participação em minha vida, mas tenho certeza de que este resultado já é suficiente para concluir que o esforço não foi em vão;*

*Ao meu irmão, Gleydson Tavares, que, com sua presença e suas orações ajudou a me fortalecer;*

*Agradecer com palavras parece pouco diante de tudo que posso e devo agradecer a você, Yúrika, companheira querida, pois, sem seu apoio, nada disso teria acontecido na minha, nas nossas vidas. Certamente você foi e sempre será a semente da qual brota o sucesso e o fim dessa primeira jornada. Você foi é luz, é sol, queima quando se é preciso, e esquenta minha alma quando esta quer esfriar. Você foi responsável por inserir em minha vida outras flores que encheram meu caminho, e juntas encheram minha vida de novos sentidos, novos aromas, novas folhagens, novas cores. Através de você conheci uma pessoa maravilhosa, a quem também reservo os meus agradecimentos;*

*A Sheva Maia agradeço a presença e o carinho que tem por mim, como amiga e, até mesmo, como mãe que me foi em alguns momentos da vida, e a ajuda imensurável que me foi dada neste trabalho, como conhecedora das Representações Sociais. Como aprendiz, pude absorver, o máximo possível, o seu conhecimento, valorosamente útil;*

*Meus agradecimentos especiais a uma pessoa também muito especial para mim, Bernardina Freire, minha amiga e professora, pela companhia, pelos conselhos e pela ajuda, ao ficar do meu lado em todos os momentos, enfrentando comigo as barreiras, derrubando-as e abrindo novos caminhos de esperança de um futuro melhor;*

*Ao meu professor-orientador, Edvaldo Carvalho Alves, que soube me orientar mesmo diante das nossas dificuldades temporais e pessoais, contribuindo para o meu aprendizado e fortalecimento intelectual;*

*À professora Joana Coeli Ribeiro Garcia, com quem tive o prazer de compartilhar um dos melhores momentos de aprendizado no Curso de Arquivologia;*

*A toda a turma pioneira do Curso de Arquivologia da UFPB: Dulce Elizabeth, Elaine Alves, Judy Tarciana, Ismael Batista, Paulo André, Pablo Matias, Rafael Melo, Yarianne Gama, Virlanny Alline, Simone Francisco, Magno Alex, Laurene Rodrigues e, muito especialmente, a Shara Rachel de Medeiros amiga que muito admiro; a Sérgio Frederich, irmão, amigo de luta e muitas vezes representante dos anseios da minoria, e cuja experiência muito me ajudou e me ensinou; e a Wlfrido Siqueira, companheiro*

*nas alegrias e nas tristezas ,e sobretudo, na aprendizagem durante esta dura e feliz caminhada, se o poeta estiver certo, você é um amigo para guardar em baixo de sete chaves.*

*Por fim, agradeço a mim, por não ter desistido.*

## RESUMO

O presente estudo resulta da pesquisa realizada no âmbito da Universidade Federal da Paraíba envolvendo estudantes dos cursos de Arquivologia e Biblioteconomia dessa mesma instituição a respeito das representações sociais desses alunos em relação à profissão de arquivista. Do ponto de vista metodológica, a pesquisa fundamentou-se numa perspectiva quanti-qualitativa, e como pressuposto analítico adotaram-se os fundamentos teóricos da análise de conteúdo de Laurence Bardin na construção de categorias de análise; e quantitativamente, o foco foi no aspecto de processamento dos dados. Assim, os fundamentos, baseados na literatura, corroboram a construção desse estudo. Nesse sentido, fez-se uso da Teoria das Representações Sociais, de Profissão e de Jurisdição Profissional, em torno da Arquivologia em âmbito internacional, nacional e local, no aspecto teórico da pesquisa, que revelou para os estudantes de Arquivologia, uma representação social pós-moderna da Arquivologia e do arquivista; em confronto com as representações sociais dos estudantes de Biblioteconomia, que revelam perceber a Arquivologia e o seu profissional numa forma tradicional.

**Palavras-chaves:** Arquivologia. Arquivista. Representações Sociais.



## ABSTRACT

The present study is a result of a research accomplished in the Federal University of Paraíba involving students of Librarianship and Archival Science about their social representations in relation to the archivist profession. As regards the methodology, the research was based on a quanti-qualitative perspective, and as to the analytical assumptions, Laurence Bardin's content analysis was adopted as theoretical fundamentals in the construction of the analysis categories; and quantitatively, the focus was on data processing. Thus, the fundamentals, based on literature, corroborate the construction of this study. In this sense, the Theory of Social Representations as well as the Professional one and the Professional Jurisdiction one, pertaining to the Archival Science in an international, national and local scope, in the theoretical aspect of research, revealed for the Archival Science students a post-modern social representation of both this Science and the archivist; in opposition to the social representations of the Librarianship's students who perceive the Archival Science and its professional in a traditional way.

**Keywords:** Archival Science. Archivist. Social Representations.

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Pré-análise em análise de conteúdo.....	19
Gráfico 2 – Codificação em análise de conteúdo.....	19
Gráfico 3 – Estrutura da pré-análise de conteúdo.....	20
Gráfico 4 – Exploração do material em análise de conteúdo.....	20
Gráfico 5 – Representação gráfica das TRS dos estudantes de Arquivologia.....	53
Gráfico 6 – Representação gráfica das TRS dos estudantes de Biblioteconomia.....	53
Gráfico 7 – Representação gráfica dos eixos fatoriais 1 e 2.....	54

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Disciplinas do primeiro currículo do Curso de Arquivologia.....	40
Tabela 2: Atos de criação dos doze Cursos de Arquivologia no Brasil.....	40
Tabela 3 Variáveis sociodemográficas da pesquisa.....	45
Tabela 4: Estímulos utilizados na pesquisa.....	45
Tabela 5: Frequência de unidades de registro do estímulo: Arquivologia.....	47
Tabela 6: Frequência de unidades de registros da categoria conhecimento científico.....	49
Tabela 7: Frequência de unidades de registro da categoria Arquivista.....	50
Tabela 8: Frequência de unidades de registro da categoria Identidade.....	51
Tabela 9: Frequência de unidades de registro da categoria Técnicas.....	52

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
1.1 OBJETIVOS.....	15
1.2 TRILHA METODOLÓGICA.....	16
1.2.1 Tipo e natureza da pesquisa.....	16
1.2.2 Amostra.....	16
1.2.3 Técnicas e instrumentos de coleta de dados.....	18
1.2.4 Métodos de análise dos dados.....	18
<b>2 A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.....</b>	<b>22</b>
2.1 TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: breve incursão histórica e teórica.....	23
<b>3 UMA CONCEITUAÇÃO POSSÍVEL DE PROFISSÃO.....</b>	<b>27</b>
3.1 A JURISDIÇÃO DA ARQUIVOLOGIA.....	29
3.2 O PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO.....	30
3.3 O PROFISSIONAL ARQUIVISTA.....	34
3.3.1 O arquivista Contemporâneo.....	36
<b>4 A ARQUIVOLOGIA NO CONTEXTO BRASILEIRO.....</b>	<b>38</b>
4.1 A ARQUIVOLOGIA NO BRASIL.....	39
4.2 A ARQUIVOLOGIA NA UFPB.....	41
<b>5 ANÁLISE DE CONTEÚDO DO <i>CORPUS</i> DE PESQUISA.....</b>	<b>44</b>
5.1 A ANÁLISE QUALITATIVA.....	46
5.1.1 A Ciência Arquivística sob a ótica dos graduandos de Arquivologia e Biblioteconomia.....	46
5.1.2 A profissão arquivística no olhar dos graduandos de Arquivologia e Biblioteconomia.....	50
5.2 ANÁLISE ESTATÍSTICA DOS DADOS.....	54
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>57</b>
REFERÊNCIAS.....	60
ANEXOS.....	64
APÊNDICE.....	70

# INTRODUÇÃO

---

Tudo que era sólido e estável se esfuma, tudo que era sagrado é profanado, e os homens são obrigados finalmente a encarar com serenidade suas condições de existência e suas relações recíprocas. (MARX, K.; ENGELS, F., 1987).

## 1 INTRODUÇÃO

Diante das novas demandas informacionais, surgidas por parte da Sociedade da Informação, vários cursos de graduação em Arquivologia surgiram, no Brasil, com a expectativa de formar profissionais aptos a solucionarem os problemas característicos desse novo modelo social em relação à informação. Nesse sentido, o Curso de Arquivologia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), criado em 2008, surgiu com a proposta, segundo o Projeto Pedagógico do Curso (PPC), de

[...] formar profissionais de informação (Arquivistas) para atuarem de modo crítico, criativo e eficiente, em atividades que conduzam à percepção do valor da informação para a transformação da sociedade, da gestão de serviços e recursos de informação arquivística, através das ações de planejamento, organização e administração e o manuseio de diferentes tecnologias de informação, na área da arquivística (UFPB, 2008).

Contudo, desde o seu aparecimento, no campo universitário da UFPB, estudantes de Arquivologia e Biblioteconomia vivem em constantes conflitos teóricos e práticos em relação à área de atuação, decorrente de um rompimento paradigmático de que a Arquivologia advém da Biblioteconomia e de que é campo de atuação do profissional bibliotecário o arquivo, na condição de arquivistas, sem o serem. Fato este que vem a corroborar para uma possível confusão na definição de suas identidades profissionais.

Um profissional, seja ele qual for, necessita de reconhecimento próprio e da sociedade onde atua. O arquivista, nesse caso, encarregado também de preservar e de fazer disponível a informação, vem sendo confundido, numa dinâmica histórica, por bibliotecários – em sua maioria – e por historiadores. Dentro do espaço acadêmico, o que se percebe é um desconhecimento ou entendimento desvirtuado, por grande parte dos envolvidos na Academia (professores, estudantes e funcionários), em relação ao Curso de Arquivologia e, por consequência, do seu profissional.

A problemática se instaura quando a Arquivologia surge como novo campo de conhecimento que se confronta com a Biblioteconomia e a Documentação, enquanto curso de formação de bibliotecários-documentalistas, resultando num “conflito” de interesses dos valores profissionais dos arquivistas, cuja prática também incide no tratamento com a documentação. A partir daí, surgem disputas de identificação profissional no âmbito dos espaços de atuação. O que se percebe é que o tempo foi

determinante nessa situação, em que a atuação do bibliotecário nos arquivos foi suficiente para fazer da sua imagem um também arquivista/documentalista.

Diante disso, cabe questionar: quais seriam as representações sociais, construídas historicamente dos estudantes de Arquivologia e de Biblioteconomia a respeito do curso e da profissão arquivista?

Portanto, este trabalho se justifica pela preocupação em representar cientificamente o arquivista. De modo que, pessoalmente se percebe em meio a contatos informais de conversas o desconhecimento do profissional e da sua atuação. Dito isto, essa proposta vem a contribuir para a Arquivologia no que diz respeito ao profissional que atua nessa área. Podendo viabilizar através dos resultados outros estudos voltados para as questões do perfil profissional e ainda da identidade do arquivista.

Neste caso, diante do exposto foram delineados os seguintes objetivos que nortearam a prática da pesquisa.

## 1.1 OBJETIVOS

- Geral
  - Analisar as representações dos alunos do Curso de Arquivologia e de Biblioteconomia sobre o curso e a profissão do arquivista.
- Específicos
  - Identificar o perfil socioeconômico dos alunos dos Cursos de Arquivologia e de Biblioteconomia;
  - Descrever as representações sociais dos alunos desses cursos a respeito da profissão e do Curso de Arquivologia;
  - Cotejar as representações sociais dos alunos do Curso de Arquivologia com as dos estudantes de Biblioteconomia.

## 1.2 TRILHA METODOLÓGICA

### 1.2.1 Tipo e natureza da pesquisa

Para o desenvolvimento da pesquisa, partimos de pressupostos metodológicos que corroborassem com os seus objetivos, que tem como foco uma abordagem descritiva do tipo quantiquantitativa. Essa abordagem, segundo Gil (1999, p. 46), “tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, o estabelecimento de relações entre variáveis.” Portanto, ao investigar as representações sociais dos estudantes de Arquivologia da UFPB, utilizamos a própria Instituição de Ensino Superior (UFPB) como lócus da pesquisa, cujo corpus foi composto por estudantes dos Cursos de graduação em Arquivologia e Biblioteconomia, devido as suas relações de conflito e de interdisciplinaridade.

Essa relação se configura muito forte e próxima, pelo fato de essas áreas estarem vinculadas a uma mesma Ciência (a Ciência da Informação) e deterem como objeto de trabalho, a informação, em sua materialização documental.

### 1.2.2 Amostra

Inicialmente o projeto de pesquisa incluiu alunos dos Cursos de História e de Administração, com os quais foram aplicados os Testes de Associação Livre de Palavras (TALP), compondo uma amostra constituída de 104 sujeitos, tendo em vista que o objetivo inicial do trabalho era o de obter representações sociais diante das relações do curso de Arquivologia com outros cursos, escolhidos não de forma aleatória, mas diante de uma escolha lógica, que envolve aspectos históricos e de mercado de trabalho, com os cursos de História, Biblioteconomia e Administração. Estas relações com o curso de Arquivologia ocorrem de diferentes formas, de acordo com a área estudada. Nos termos da Biblioteconomia, esta relação ocorre diante da noção de que estas áreas se vinculam a um mesmo campo científico, a Ciência da Informação, e ainda por terem ambas um mesmo objeto de trabalho, a Informação.



Arquivologia e Biblioteconomia vêm sofrendo com as disputas de identificação profissional no âmbito dos espaços de atuação. O que se percebe é que o tempo foi determinante nesta situação, onde a atuação do Bibliotecário nos Arquivos foi suficiente para fazer da imagem deste, um também Arquivista. Surgindo então, a nossa inquietação e interesse em levar em consideração a variável estudante de Biblioteconomia.

Mas se o tempo foi determinante para o Bibliotecário, o que dizer para o Historiador. Durante séculos, a atividade de investigar na história, fatos e acontecimentos que marcaram uma época, ou uma civilização, sempre estiveram atrelados ao registro e recuperação das informações. O historiador então preocupado com a suas fontes, foi o primeiro a buscar cuidados e organização para as documentações. Pois, assim como retrata Edward Hallet Carr em *Que é História*,

[...] os fatos estão disponíveis para os historiadores nos documentos, nas inscrições, e assim por diante, como os peixes na tábua do peixeiro. O historiador deve reuni-los, depois levá-los para casa, cozinhá-los, e então servi-los da maneira que o atrair mais.” (CARR, 1996, p. 37).

Neste sentido a presença deste profissional no âmbito dos arquivos, como função norteadora de realização de sua arte (construir narrativas históricas) fez com que se desvirtuasse mais uma vez o elemento identidade para o Arquivista.

No entanto, a informação não só é importante para o Historiador, mas também de forma contemporânea para o profissional Administrador. E neste caso, a informação é primordial em suas tomadas de decisões, sendo necessário cada vez mais um aperfeiçoamento da recuperação da informação para esses profissionais. Esta proximidade existente nos dias atuais, entre a Arquivologia e a Administração, pode ter como seu marco inicial o fim da Segunda Guerra Mundial e início da Guerra Fria, onde a informação passou a ser considerada mais do que nunca em toda a humanidade, elemento crucial nas atividades econômicas, políticas e sociais. A esse respeito, buscávamos também encontrar que representação tem o Administrador para com o Arquivista, tendo em vista o seu grau de importância para o outro.

No entanto, por questões metodológicas de focalização no objeto de investigação, a análise dos dados ficou centralizada, exclusivamente, na amostra composta por alunos dos Cursos de Arquivologia e de Biblioteconomia, com um total de 71 (n=71). Contudo, é importante ressaltar que analisar as variadas representações em relação ao objeto de

estudo, no caso, o curso de Arquivologia da UFPB e os estudantes (futuros profissionais) de Arquivologia da UFPB, diante dos estudantes de História e Administração, também se fazia mister para a pesquisa.

Neste sentido, a pesquisa foi realizada com uma amostra de 71 participantes, organizados em dois grupos, conforme os Cursos de Arquivologia e de Biblioteconomia. Em que dos 71 participantes, 42 eram alunos do Curso de Arquivologia, sendo que desses 42 participantes, 15 eram da turma pioneira do curso de Arquivologia da UFPB, ou seja, se encontravam no 5º período; enquanto que os 27 alunos restantes, se encontravam no 2º período. Para o curso de Biblioteconomia foram aplicados 29 testes aos alunos do 2º período.

### **1.2.3 Técnicas e instrumentos de coleta de dados**

Compreendendo a importância de conhecer, mesmo que sumariamente a população de estudo, de modo que se torne uma variável contextual para os indivíduos, o estudou adotou para a identificação do perfil socioeconômico dos estudantes dos dois cursos, um questionário socioeconômico e ainda o Teste de Associação Livre de Palavras (TALP) com todos os sujeitos. Esse teste tem sido amplamente utilizado em pesquisas psicossociológicas (DI GIACOMO, 1981; DE ROSA, 1988), como instrumento adequado para a análise das relações interpessoais (NÓBREGA, 2003) e das representações que os sujeitos elaboram em relação a determinado objeto. Para a presente pesquisa, esse instrumento foi composto de dois estímulos indutores (arquivologia e arquivista) e foi aplicado a um corpus total de (n=71), constituído de alunos matriculados nos Cursos de Arquivologia e de Biblioteconomia da UFPB.

### **1.2.4 Métodos de análise dos dados**

O material coletado foi analisado através das técnicas quantitativas e qualitativas, conforme a especificidade de cada instrumento aplicado. Os dados obtidos através do TALP foram submetidos à análise em duas etapas: inicialmente, a análise de conteúdo

(BARDIN, 1989), por meio da construção de categorias analíticas; no segundo momento, concernente à análise estatística, foi efetuada a organização de um banco de dados contendo todas as respostas dos sujeitos ( $n=71$ ), que foram processadas no *software Tri-Deux Mots* (Cibois, 1990). Com esses resultados, foi introduzida, no banco de dados, a informação sobre a variável relativa aos cursos dos sujeitos.

Para a análise de conteúdo, foi realizado um percurso, conforme modelo proposto por Laurence Bardin (1989), exposto, esquematicamente, abaixo, e as etapas que foram utilizadas sobre as ideias e as informações evocadas pelos participantes da pesquisa.

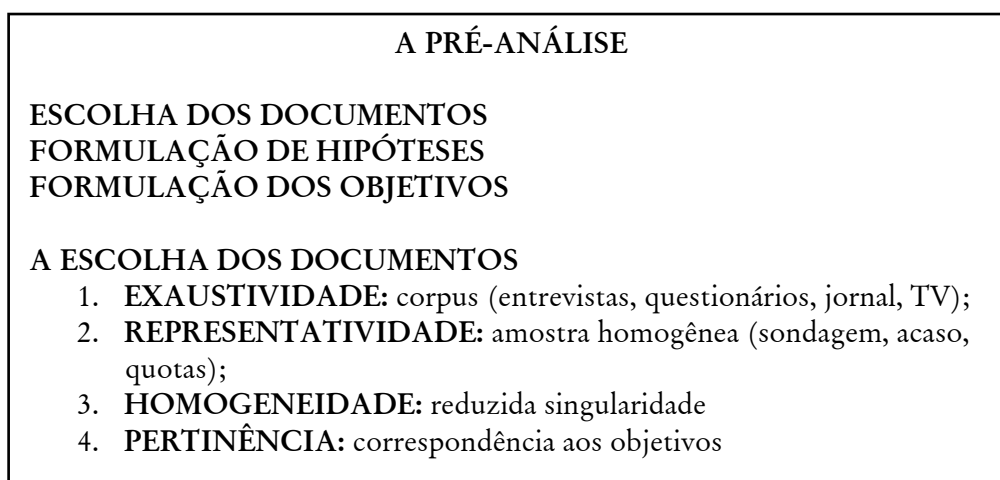


Gráfico 1: Pré-análise em análise de conteúdo

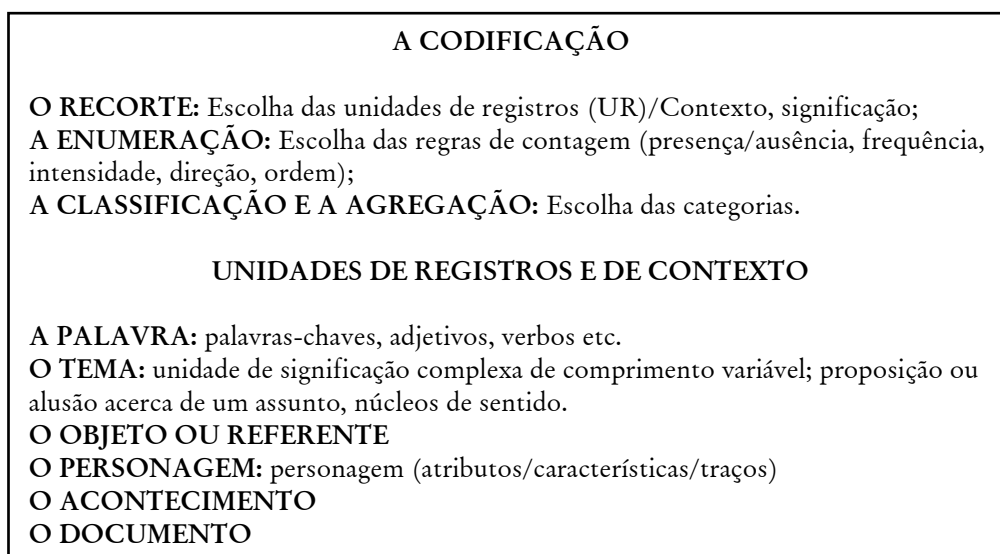


Gráfico 2: Codificação em análise de conteúdo

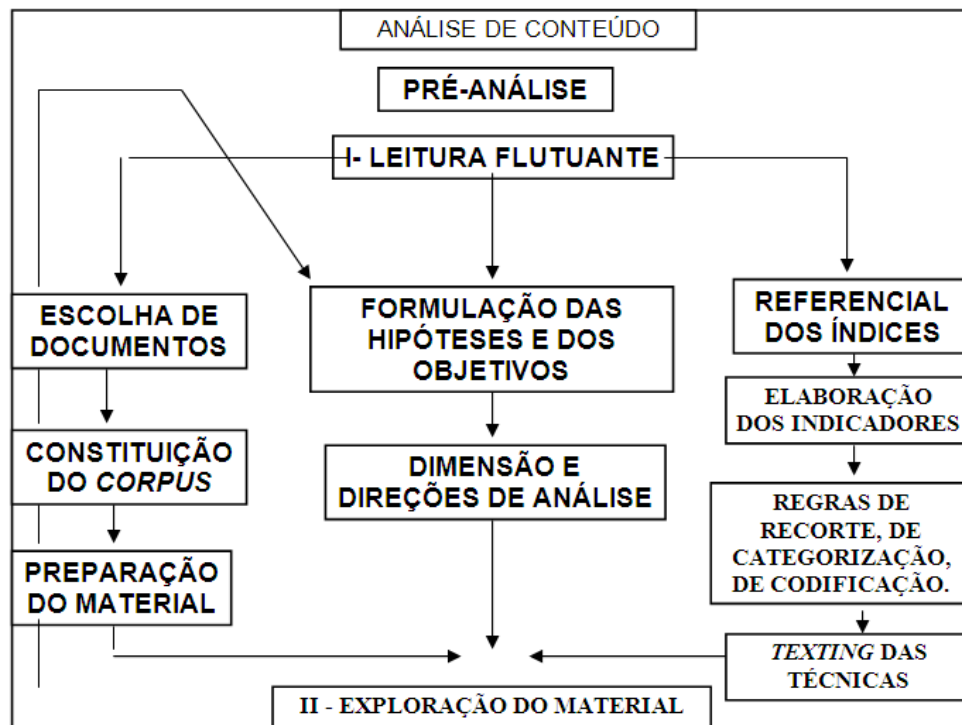


Gráfico 3: Estrutura da pré-análise de conteúdo

Fonte: BARDIN (1989) L'Analyse de contenu. Adaptação de Sheva Maia Nóbrega

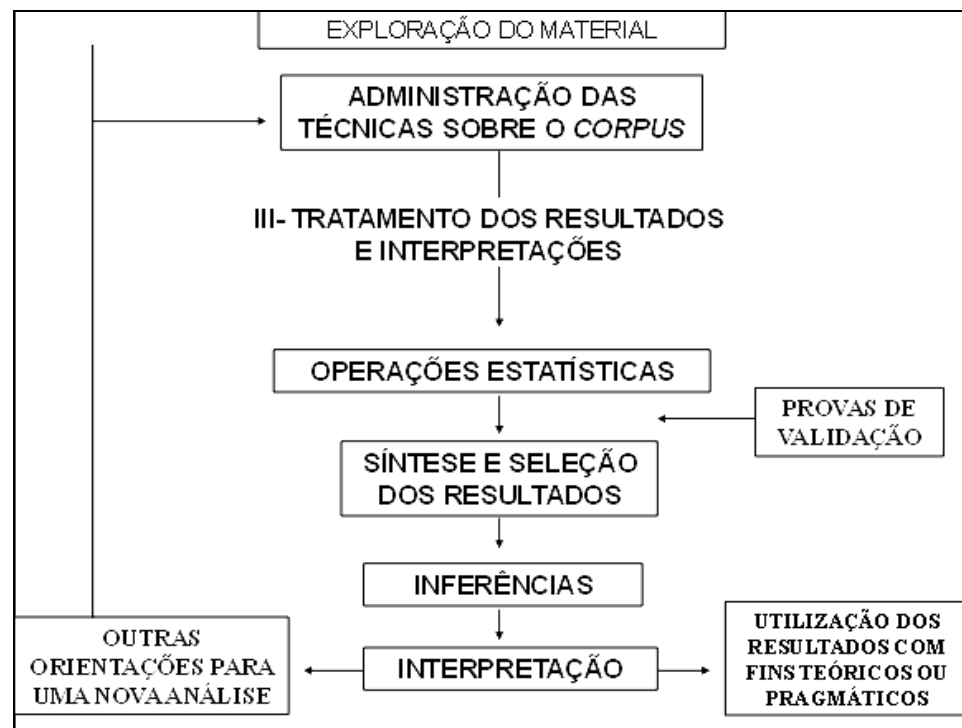


Gráfico 4: Exploração do material em análise de conteúdo

Fonte: BARDIN (1989) L'Analyse de contenu. Adaptação de Sheva Maia Nóbrega

Assim, considerando os aspectos abordados, o presente trabalho foi estruturado em seis sessões. Nas três primeiras, discorremos sobre os conceitos, as categorias e as teorias que o alicerçam nosso trabalho, como a Teoria das Representações Sociais, os conceitos de profissão, jurisdição profissional e profissão arquivista. Na quarta sessão, fazemos uma breve reconstrução da Arquivologia, como campo do conhecimento e profissão, para revelar as características que definiriam um profissional “tradicional” e um “pós-moderno”. Além disso, é efetuada uma caracterização dos fatores históricos responsáveis pelo surgimento do Curso de Arquivologia da Universidade Federal da Paraíba. Na quinta sessão, apresentamos os resultados da análise/interpretação dos dados, iniciando, primeiramente, com os achados qualitativos e concluindo com os quantitativos. Por fim, na sexta sessão, são evocadas algumas considerações, à guisa de conclusão, a respeito do estudo, que aponta para uma representação líquida dos estudantes de Arquivologia, em relação à temática, devido às constantes mudanças sociais.

## CAPÍTULO 2

### A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

---

[...] representando-se uma coisa ou uma noção, não produzimos unicamente nossas próprias idéias e imagens: criamos e transmitimos um produto progressivamente elaborado em inúmeros lugares, segundo regras variadas[...]. (MOSCOVICI, 2001).

## 2 A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

A Teoria das Representações Sociais (TRS), elaborada por Serge Moscovici (1961; 1976), tem sido aplicada a diferentes campos de pesquisa. É particularmente inovadora a aplicação no estudo das questões relativas à Arquivologia.

Inicialmente, no que concerne à definição de TRS, existe certo consenso entre os que se mantêm na pesquisa e no aprofundamento dessa teoria, em concordar com o aspecto dinâmico das TRS e consideram que elas

[...] se apresentam como uma rede de ideias, metáforas e imagens, mais ou menos interligadas livremente e, por isso, mais móveis e fluidas que teorias [do senso comum] (MOSCOVICI, 2003, p.210).

Cada vez mais, as TRS vêm ocupando espaço de interesse nas áreas das Ciências Sociais e Humanas. No entanto, antes de adentrarmos seu universo teórico, retornaremos um pouco ao tempo de seu surgimento.

### 2.1 TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: breve incursão histórica e teórica

A Teoria das Representações Sociais, que a partir de agora denominaremos de TRS, tem o seu surgimento e ligação com a Psicologia, mais especificamente, a Psicologia Social moderna, que se desenvolveu na América do Norte como uma subdisciplina da Psicologia, e sofreu influência do pensamento sociológico. Inicialmente, oscilando entre a Psicologia e a Sociologia, esta última passa a ser percebida e considerada importante como referência para introduzir a distinção e a caracterização da Psicologia Social, por parte do teórico fundador da TRS, Serge Moscovici.

Assim, é na Europa, mais especificamente na França da década de 1960, que essa ciência assume identidade como conhecimento específico, quando Moscovici se utiliza da sociologia de Émile Durkheim sobre as Representações Coletivas, como teoria auxiliar de seu trabalho. É a análise da Teoria das Representações Coletivas, entendidas por Durkheim (1912), em seu estudo sobre as Formas Elementares da Vida Religiosa, que servirá de base para a discussão de Serge Moscovici sobre a criação da Teoria das Representações Sociais como fundamento de uma nova Psicologia Social. Durkheim, sociólogo francês e um dos idealizadores do modelo científico, o Positivismo, ao realizar o seu estudo com tribos aborígenes australianos, que dará origem ao livro lançado no ano

de 1912, “As formas elementares da vida religiosa”, identificará que a representação de um grupo, construída através de leis sociais, é suficiente para representar um coletivo, e que a sua posição de coletividade lhe oferece capacidade suficiente de impor condições de regras, pensamentos ou representações. Isso se aproxima do que conhecemos como as tradições coletivas. Dessa forma, “as representações coletivas seriam formas de pensamento comum a todo grupo, unitárias, homogêneas, coercitivas e cristalizadas, resultantes da longa tradição desse grupo” (Durkheim, 1912 *apud* Andrade, 2002, p. 23). Passados, então, cerca de 50 anos após a divulgação do estudo de Durkheim, Moscovici vem propor uma nova abordagem de pensamento na ciência. Em seu estudo, *La psychanalyse, son image et son public* (1961), o autor investiga as representações sociais da sociedade francesa acerca da psicanálise. Trata-se de uma forma mais adequada ao estilo efêmero das sociedades modernas, onde os fatos e as práticas surgem, espalham-se e logo se acabam ou são esquecidos.

Conforme exposto, a Teoria das RS se baseará a princípio, pela análise psicossocial, ou seja, através do senso comum, compreendido como sendo a capacidade de pensamentos que definem valores ou representação acerca dos espaços sociais. A respeito disso, Guareschi (1996 *apud* OLIVEIRA; WERBA, 1998, p. 106) irá nos dizer que

[...] são muitos os elementos que costumam estar presentes na noção de RS. Nelas há elementos dinâmicos e explicativos, tanto na realidade social, física ou cultural; elas possuem uma dimensão histórica e transformadora; nelas estão presentes aspectos culturais, cognitivos e valorativos, isto é, ideológicos. Esses elementos das RS estão sempre presentes nos objetos e nos sujeitos, por isso as RS são sempre relacionais, e portanto sociais.

Dessa forma, as pesquisas inspiradas na TRS (MOSCOVICI, 1961, 1976; JODELET, 1984, 1989; ABRIC, 1992) tem-se revelado na importância de como explicar situações sociais que demandam intervenções profissionais na solução de problemas. Desde a construção desse paradigma, investigações de diferentes áreas de conhecimento (Psicologia, Sociologia, Educação, Saúde, Antropologia, etc.) têm contribuído não apenas com a evolução da teoria, mas também com a tendência ao trabalho interdisciplinar, o que implica a convergência de cientistas especializados em diversos campos de saber, confrontados com os mesmos problemas com diferentes óticas, buscando alternativas de solucioná-los. Perspectivas analíticas e metodológicas (ABRIC, 1998; DOISE, 1994; DE ROSA, 1988) avançaram tomando diferenciados rumos (SÁ, 1998), a fim de assegurar melhores resultados práticos na utilização das pesquisas.



Ressalta-se, no entanto, que conceituar representações sociais ainda é uma tarefa problemática no âmago do campo científico, e muitos teóricos têm se aventurado na tentativa de formular e amadurecer a TRS. Moscovici se mantém ativo atualmente no debate, respondendo às questões relativas ao esclarecimento da teoria. Neste caso, a sua definição quanto à Representação Social ainda permanece como uma das mais importantes no campo dos que trabalham com a TRS. Nesse sentido, Moscovici a define como sendo

[...] um conjunto de conceitos, proposições e explicações originado na vida cotidiana no Curso de comunicações interpessoais. Elas são o equivalente, em nossa sociedade, aos mitos e sistemas de crença das sociedades tradicionais; podem também ser vistas como a versão contemporânea do senso comum. (Moscovici, 1981, p. 181).

Podemos, então, definir as representações como uma forma de tornar presente aquilo que não está através de informações ou pré-informações inconscientes ou conscientes do cognitivo humano, ou seja, construir ou expressar ideias mesmo que não sejam fundamentadas a respeito de fatos, acontecimentos, questionamentos etc. Moscovici (1978) então nos apresenta graficamente a estrutura das representações, destacando as suas partes (figurativa e simbólica):

$$\text{Representação} = \frac{\text{Figura}}{\text{Significado}}$$

Então, fica caracterizado que as representações sociais “faz compreender a toda figura um sentido e a todo sentido uma figura.” (MOSCOVICI, 1978, p. 65). Por outro lado, Jodelet (1988) identifica, no ato de representar, “cinco características fundamentais: 1) Representa, sempre, um objeto; 2) É imagem e, por isso, pode alterar a sensação e a ideia, a percepção e o conceito; 3) Tem um caráter simbólico significante; 4) Tem poder ativo e construtivo; 5) Tem um caráter autônomo e generativo”.

Quanto ao caráter social da teoria, trata-se das práticas que se relacionam entre grupos. Assim, pode-se considerar que a perspectiva do “social” utilizada pela Teoria das Representações Sociais se distancia da concepção existente nos pensamentos sociológicos de Emile Durkheim e de Marx Weber, no que se refere aos aspectos sociológicos. Do ponto de vista de Durkheim, a sociedade está sobreposta ao indivíduo, porquanto é um fenômeno que existe, independentemente do assentimento, do consentimento e das

consequências singulares ou coletivas. Quanto a Marx Weber, ao observarmos o seu pensamento de que somente através do entendimento, dos motivos pelos quais os indivíduos agem, é possível compreender os acontecimentos sociais, temos, então, uma base fixa para manifestar que, nesse caso, diferentemente do que pensa Durkheim, o indivíduo é que sobrepõe a sociedade. Oliveira e Werba (2002) consideram que a parte social, na Teoria das Representações Sociais, é “algo constitutivo delas, e não, uma entidade separada. O social não determina a pessoa, mas é substantivo dela.” Nesse sentido, o ser humano é, simultaneamente, marcado pelo social e pelo individual nas suas idiossincrasias.

A TRS caracteriza as funções das Representações Sociais, que são definidas, segundo Nóbrega (2001), como: função de saber, pois elas permitem compreender e explicar a realidade estando intimamente ligada à comunicação social; função identitária, pois definem a identidade e protegem as características do grupo; função de orientação, já que orientam comportamentos de práticas; função justificadora, pois permitem compreender, a posteriori, decisões e comportamentos.

Conforme descrito nesse capítulo, a escolha pela TRS como suporte teórico para o nosso trabalho justifica-se pela principal característica da própria teoria, de se adequar ao modelo globalizado das práticas sociais. Neste caso, compreendendo os indivíduos participantes da pesquisa, como também atores sociais deste espetáculo chamado de “sociedade volatilizada”. A aplicação desta teoria se faz importante, tendo em vista as frequentes mudanças de olhares, perspectivas e comportamentos dos estudantes de Arquivologia e Biblioteconomia frente ao curso de Arquivologia e a profissão de arquivista.

## CAPÍTULO 3

### UMA CONCEITUAÇÃO POSSÍVEL DE PROFISSÃO

---

[...] o profissional competente atua refletindo na ação, criando uma nova realidade, experimentando, corrigindo e inventando através do diálogo que estabelece com essa mesma realidade. (PÉREZ GÓMEZ, 1995).

### 3 UMA CONCEITUAÇÃO POSSÍVEL DE PROFISSÃO

À primeira vista, o termo profissão apresenta-se com uma forma simples de compreensão. Segundo o Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa (2009), profissão significa “<sup>1</sup>atividade para a qual um indivíduo se preparou; <sup>2</sup>trabalho que uma pessoa exerce para obter os recursos necessários à sua subsistência; ocupação, ofício.” Essa atividade desenvolvida pelo indivíduo é substantiada por conhecimentos empíricos e/ou científicos que, através de uma socialização de práticas, obterá jurisdição<sup>1</sup> profissional. Contudo, na visão tradicional, essa jurisdição somente acontece no momento do desaparecimento de capacidades de uma determinada profissão. Essa característica de desocupação, em se tratando de profissões geradas no meio acadêmico, ocorre diante das estratificações teóricas e práticas, abrindo-se, então, a possibilidade de outras áreas desenvolverem conhecimentos e práticas inovadoras, tomando como base as necessidades da sociedade. Esse conhecimento, segundo Sousa (2007), ao citar Abbott que, por sua vez, parafraseia Harold Wilensky, professa um conjunto de etapas – descritas abaixo – que podem ser consideradas como o ponto de partida para o surgimento da Arquivologia como área do conhecimento e profissão (WILENSKY, 1964 apud ABBOTT, 1988, p. 10):

- As profissões começam quando as pessoas começam a fazer coisas o dia inteiro, coisas de que precisam;
- Surgem os treinamentos;
- Escolas são criadas, com treinamentos mais longos e com grupos formais de professores;
- Os professores se organizam em associações;
- Delegam tarefas rotineiras para os profissionais;
- Há disputa entre os formalmente treinados e os que aprenderam pela prática;
- Surgem os códigos de ética.

Portanto, segundo Abbott (1988), “profissões são grupos ocupacionais exclusivos que aplicam algum conhecimento abstrato a casos particulares” (ABBOTT, 1988 *apud* SOUSA, 2007, p. 42).

---

<sup>1</sup> Segundo Abbott (1988, p. 59) o termo jurisdição se refere ao “direito à exclusividade da prática profissional por um determinado grupo profissional” (ABBOTT, 1988, p. 59).

### 3.1 A JURISDIÇÃO DA ARQUIVOLOGIA

No Brasil, a Arquivologia, como área do conhecimento, vai se desenvolver na segunda metade do Século XX, diante das demandas sociais, institucionais e de mercado, no que tange à solução para o grande volume documental gerado durante e após a Segunda Guerra Mundial e ainda os problemas de gerenciamento de informação promovidos pela revolução tecnológica. Neste caso, na falta de profissionais arquivistas e mais ainda, de cursos fossem eles técnicos ou superiores em Arquivologia, no caso específico do Estado da Paraíba, permitiu que outros profissionais, interessados nesta área de estudo tomassem a iniciativa protetora e acadêmica de ter-se debruçado sobre esse espaço de atuação, a exemplo inicial na Paraíba dos historiadores, que por sua vez se valeram do tratamento da documentação tendo em vista ser esta a sua principal fonte de pesquisa na arte de fazer história. Esta afirmação é evidenciada e comprovada através do estudo realizado por Ferreira (2002), sobre *“as contribuições de historiadores na organização de arquivos na cidade de João Pessoa/PB”*, entre os anos de 1989 à 1998. Onde nesse período cinquenta e oito (58) profissionais atuaram em unidades de informação arquivística, sendo que deste total, quarenta e oito (48) possuíam formação em História, nove (09) em Biblioteconomia, e um (01) em Filosofia. O que reforça a inexistência de arquivistas de formação atuando nesses espaços profissionais.

Mais adiante, por volta ainda da década de 1980 e 1990 é que se intensificou a presença de profissionais bibliotecários em arquivos, tendo em vista a aproximação com o suporte de trabalho do arquivista, o documento. Contudo, nos Estados Unidos e na Europa, os conhecimentos sobre a Arquivística vinham se desenvolvendo de tal modo que alguns cursos profissionalizantes foram promovidos no Brasil, pelo Arquivo Nacional, na década de 50, com o apoio do Governo francês. Essa atitude indica os primeiros passos de reivindicação para a criação de um grupo de profissionais, especializados em determinada área da Informação.

Nesse sentido, segundo Abbott (1988), “uma profissão madura está constantemente se dividindo pelas pressões das demandas de mercado, das especializações e das competições interprofissões”. A Biblioteconomia, compreendida seja ela através de uma técnica ou de uma ciência enraizada no campo prático-científico, sofrerá uma divisão nas suas práticas profissionais, e a Arquivística alcançará uma liberdade ficando

responsável por promover o recolhimento, o tratamento, a organização, a guarda e a difusão da informação de arquivo.

Contudo, a necessidade de reconhecimento jurisdicional se faz importante para a Arquivologia, pois, “ao reivindicar uma jurisdição, uma profissão pede à sociedade o reconhecimento de sua estrutura cognitiva por meio de direitos exclusivos” (SOUSA, 2007, p. 44). No caso da Arquivologia, essa jurisdição poder ser interpretada pela Lei nº 6.546, de julho de 1978, e pelo Decreto nº 82. 590, de 06 de novembro de 1978, que reconhece a profissão, os campos e as formas de arquivistas e técnicos de arquivo atuarem.

No entanto, a elaboração e aprovação da lei do profissional arquivista não justifica a sua obediência, seja por parte das instituições públicas e privadas, seja por outros grupos de profissionais. Neste caso, é importante ressaltar o papel dos sindicatos na função de reivindicador dos direitos de uma categoria profissional, que no caso da Arquivologia ainda é pouco expressivo, sendo possível destacar os trabalhos realizados pela Executiva Nacional das Associações Regionais de Arquivologia (ENARA), que reúne num só corpo institucional, a representação das associações de profissionais arquivistas já existentes no Brasil, em luta do fortalecimento profissional da categoria, a exemplo da: **AABA** - Associação dos Arquivistas da Bahia; **AAERJ** - Associação dos Arquivistas do Estado do Rio de Janeiro; **AAPR** - Associação dos Arquivistas do Paraná; **AARQES** - Associação dos Arquivistas do Espírito Santo; **ABARQ** - Associação Brasileira de Arquivologia.

### 3.2 O PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO

Como alcançar a unidade na diferença e como preservar a diferença na unidade? (BAUMAN, 2005, p. 48).

Essa nomenclatura que, frequentemente, vem sendo utilizada para determinar os profissionais que atuam na área da informação, lidam com ela e a concebem como objeto de estudo, deriva da Revolução Tecnológica, que altera não somente as formas de se produzir informação, mas também todas as formas de comunicação e de relacionamentos sociais. Nesse caso, a formação acadêmica desses profissionais se sustenta pela necessidade cada vez maior de se obter informação por parte dos diversos segmentos da sociedade, seja eles político, econômico e social. Segundo Souza (2006), nesse novo contexto seria essa,

[...] a ideia de que se poderia tomar a expressão Profissionais da Informação como uma designação mais abrangente visando auxiliar no desembaralhamento da questão dos nomes: Profissional da Informação, Bibliotecário, Cientista da Informação e outros, como Arquivistas e Museólogos (SOUZA, 2006, p. 24).

Contudo, a utilização de um termo generalizado, para tentar desembaralhar as competências, gera conflitos de identidade, pois, para se unificar um grupo de profissionais, é necessário que haja a identidade única a cada um e que não haja conflitos profissionais. Ou seja, a utilização do termo profissional da informação numa tentativa de “desembaralhamento”, muito mais embaralha os aspectos profissionais, técnicos, científicos e identitários de uma categoria profissional. No entanto, o autor Souza (2006), ao estudar as questões referentes à identidade do bibliotecário, afirma que o problema não se encontra nas crises de identidade desse profissional, mas

[...] no pequeno número de profissionais, uma sociedade ainda semiescolarizada e semi-informatizada, uma sociedade que não percebe, conscientemente, a presença dos poucos bibliotecários ou cientistas da informação já existentes e não distingue as diferenças de sua atuação, etc. (SOUZA, 2006, p. 30).

Nesse caso, a formação acadêmica parece situar-se no requisito básico para se levar a afirmação de que o arquivista é um profissional da informação. No entanto, se todos os profissionais lidam com a informação em suas diversas maneiras, como definir então o profissional da informação? Seria realmente a titulação acadêmica, ou seria os métodos e técnicas de um grupo profissional específico, no caso os profissionais, arquivista, bibliotecário e museólogo, por se voltarem estes para o desenvolvimento técnico, gerencial e científico necessário às novas demandas informacionais da sociedade? E então, quais seriam os fatores de identidade profissional desse grupo de profissionais da informação?

Diante do exposto acima é possível compreender que os profissionais da informação são aqueles derivados de uma formação acadêmica, seja em Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia, Ciência da Computação, Sistema de Informação, Ciência da Informação ou em outros campos, voltados para o estudo da informação, em seus aspectos de produção, gerenciamento, recuperação e disseminação. Nesse caso, a formação acadêmica situa-se na necessidade de capacitar profissionais que se voltem para o desenvolvimento técnico, gerencial e científico necessários às novas demandas sociais.

Em contraposição a esse conceito de Profissional da Informação, respaldamos então nosso argumento inicialmente, através da análise de um instrumento legal, no caso específico, na Lei 9.674/98 que dispõe sobre o exercício da profissão de Bibliotecário, em suas mensagens de veto elaboradas pelo Ministério da Justiça (MJ) e do Trabalho (MT), aos artigos 2º e 5º, da citada lei.

Em razão ao veto do artigo 2ª que tratava a *Biblioteconomia, a Documentação e a Informação registrada* como sendo atribuições do bibliotecário, o MJ e o MT proferiram uma razão/justificativa de que o referido artigo,

Trata-se de questão que enseja aumento significativo de reserva de mercado, principalmente no que diz respeito à expressão "Informação registrada", elemento este presente em praticamente toda profissão, não sendo apropriado que seja considerada atribuição de determinada profissão, inclusive por ser assunto diretamente ligado à área de informática, que, como se sabe, não é uma profissão regulamentada, e nem tem razão de o ser, pois não é do interesse público restringir o acesso ao mercado de trabalho (BRASIL, 1998).

Sobre o artigo 5º que trata das atribuições privativas do bibliotecário, da já citada lei, o Ministério da Justiça e do Trabalho, decidiu por este também vetar diante da razão/justificativa de que,

Ao referir-se à documentação e informação registrada, torna exclusiva do exercício profissional da Biblioteconomia atividades de informação e documentação atinentes, também, aos arquivistas e museólogos, profissões igualmente regulamentadas. E isso porque o vocábulo "registrada" tem o sentido de consignar por escrito, inscrever. (BRASIL, 1998).

Nesse sentido, pensar que apenas Arquivistas, Bibliotecários, Museólogos e Cientistas da Informação e/ou Computação, são os profissionais que lidam com a informação, é um completo equívoco, pois estaríamos esquecendo-nos dos historiadores, dos psicólogos, dos médicos, dos jornalistas, e etc. que de alguma forma ou de outra lidam ou trabalham com a informação à maneira como lhe são apresentadas, ou seja, informação histórica, psíquica, econômica, social, medica e etc.

Neste caso, fica evidente que a utilização do termo profissional da informação, referido à apenas, bibliotecários (em sua maioria), arquivistas e museólogos, além de ser um equívoco científico, acadêmico e profissional, torna-se também um equívoco jurídico, diante dos argumentos já pronunciados pelos Ministérios da Justiça e do Trabalho (principais órgãos de competência sobre o assunto) na lei 9.674/98.



Contudo, esse panorama apresenta ainda, um grave problema ao pensarmos nos fatores identitários, através da formulação de um sentimento de não pertencimento ou reconhecimento de técnicas, práticas, métodos e conhecimento científico específico de um determinado grupo profissional que criariam as condições de unidade de um grupo de profissionais.

Concluimos, portanto, sobre o aspecto do termo “profissional da informação”, que essa utilização ocorre diante de uma tentativa de fuga de um estigma, causado pelo não reconhecimento e valorização dos seus próprios agentes profissionais, arquivistas, museólogos e principalmente bibliotecários, o que converge na renovação de um termo, mais sofisticado e contemporâneo, ou seja, um termo globalizado. O fato é que ao se abandonar as raízes de origem, em detrimento de uma melhor visibilidade perante a sociedade do espetáculo, esses profissionais tendem a se confundirem nos níveis de pertencimento e identidade das categorias profissionais.

Portanto, com base no conceito de que informação “é o que pode responder questões importantes relacionadas às atividades do grupo-alvo”. (CAPURRO; HJORLAND, 2007, p, 187). E ainda na ideia de que,

os cientistas da informação – pela própria natureza do seu campo – devem trabalhar de cima para baixo, ou seja, do campo geral do conhecimento e suas fontes de informação para o específico, enquanto os especialistas do domínio devem trabalhar de baixo para cima, do específico para o geral. (CAPURRO; HJORLAND, 2007, p, 187).

Afirmamos que, os profissionais Arquivistas, Bibliotecários e Museólogos, são aqueles que estão aptos a fornecer e tratar técnica e competentemente o subsidio informacional para os seus próprios problemas (questionamentos, pesquisas) e dos demais profissionais, diante da própria lógica da Ciência da Informação, de gerar, coletar, tratar, organizar, classificar e difundir a informação. Enquanto que, os demais profissionais estão preocupados com a utilização dessa informação, do ponto de vista de como proceder através dela e como fazer dela um instrumento capaz de alterar estruturas, sejam sociais ou cognitivas.

### 3.3 O PROFISSIONAL ARQUIVISTA

Durante séculos, as mais variadas civilizações distribuídas pelo mundo fizeram registros de sua vida cotidiana, em diversos suportes, de acordo com sua época, compreendendo, principalmente, de registros sobre aspectos sociais, religiosos e econômicos do local. Esses tipos de suporte de registro de informação, é o que poderíamos chamá-los de “documentos”. Estes por sua vez variaram de acordo com o tempo e suas civilizações, a exemplo dos registros pictográficos presentes nas cavernas, utilizadas pelos primeiros homínídeos (~4.000, a.C).

Nesse sentido pode-se dizer que os suportes de escritas originaram-se dos três reinos da natureza: o reino mineral, vegetal e animal. No reino mineral, encontra-se as tábuas de argila, adotadas por grandes civilizações do Mundo Antigo, como Grécia, Egito e Roma, surge também o papiro e pergaminho, que de acordo com os historiadores do livro, não se pode precisar o período em que um suporte substituiu o outro, uma fato é irrefutável, os suportes conviveram simultaneamente em paralelo, fato que sofre alteração apenas com a invenção da imprensa antecedita pelo surgimento do papel no ano 105 de nossa era pelo ministro chinês T'sai-Lun (MARTINS, 1996, p. 112). Assim sendo, ao passo em que os suportes são substituídos e alterados suas formas, os sistemas de escrita também sofrem modificações. Tanto que há na literatura da história dos livros e da escrita a afirmativa que os suportes favorecem o desenvolvimento dos estilos gráficos, ou seja, escrever sobre o papiro facilitou o surgimentos e aperfeiçoamento do desenho sígnico, assim como, o surgimento do papel viabilizou a escrita cursiva. Logo, consideramos que as alterações e adoções de tecnologias na produção de novos suportes é condição de outras escritas, e de novos modos de registro de informação.

É nesse contexto de surgimento da escrita em que aparecem as primeiras instituições de arquivos chamadas de *archeion*, ainda por volta do Século III ou II a. C., fundadas, inicialmente, em aspectos administrativos de Estado. Londolini (1990) complementa dizendo que “os documentos eram produzidos e conservados para as necessidades do governo e da administração [...]”. Posteriormente, esses documentos atribuíram importância legal e jurídica de prova e de memória, quando compreendido como informação importante para gerações futuras. No entanto, após vários séculos de

uso constante da escrita e do documento, houve um declínio quantitativo na sua utilização.

Após a queda do mundo romano, no Século V, conquistado pelos povos bárbaros, o mundo ocidental europeu passou por grandes mudanças, configurando outra sociedade, com costumes, valores, cultura e religião diferenciados da romana, como bem relatou (LE GOFF, 2005, p. 48), ao dizer que “o mundo medieval resulta do encontro e da fusão desses dois mundos (romano e bárbaro) [*grifo nosso*], que se interpenetravam, da convergência das estruturas romanas e das estruturas bárbaras em transformação”. Sobre os aspectos da cultura, detivemo-nos na escrita que, durante esse período, foi privilégio de uma única categoria social, os religiosos, causando afastamento de novos registros documentais em diversas áreas - administrativa, jurídica ou cultural. Mas, se falamos de uma classe privilegiada pelo uso da escrita (o Clero), podemos inferir que essas pessoas também eram as responsáveis pela guarda e conservação dos documentos bibliográficos, administrativos ou históricos, durante a Idade Média.

No fim desse período, surge a Idade Moderna, marcada por quatro grandes acontecimentos de destaque social, político, cultural e econômico: a Expansão Marítima, o Renascimento, a Reforma Protestante e a Revolução Francesa (1789 – 1799). Essa foi uma época de transformações, quando um novo mundo foi descoberto, quando um movimento intelectual e um novo conceito de religião tiveram início. Nesse caso, é no contexto da Revolução Francesa que detemos maior atenção, pois foi a geração do sentimento nacionalista, que culminou com a formação dos Estados Nacionais, que propiciou uma maior amplitude dos arquivos, com a criação dos Arquivos Nacionais, a exemplo, do primeiro na França em 1789 (*Archives Nationales de France*). Essa amplitude também foi dada aos arquivistas, em relação aos avanços técnicos e científicos realizados na área da Documentação e da História que capacitassem melhor os profissionais responsáveis pelo tratamento, pela guarda, conservação e recuperação da informação contida nos documentos, seja para fins administrativos ou históricos.

Portanto, delimitar no tempo o aparecimento do arquivista nesses termos é um equívoco, tendo em vista que essa não era a nomenclatura dada ao responsável pela guarda dos depósitos de informação. Nesse caso, cabe-nos identificar o profissional arquivista como sendo aquele surgido na modernidade, após a Revolução Francesa, com a fragmentação das unidades de informação (Arquivo, Biblioteca e Museu), o que constitui

também uma tarefa de identificar os tipos de profissionais que atuavam nesse espaço. É, portanto, nessa fase, em que se configura ainda o modelo científico positivismo, que o termo e a profissionalização arquivística se constituirá enquanto campo do conhecimento científico, passando a ocupar um espaço profissional que atenda às necessidades administrativas e acadêmicas de setores públicos e privados, como forma de fornecer mais adequadamente as fontes de pesquisa para diversos pesquisadores, quase todos historiadores, e ainda na tarefa de suprir os problemas e as necessidades de informação da sociedade pós-moderna.

### 3.3.1 O arquivista contemporâneo

Anteriormente, falávamos da origem e do desenvolvimento do arquivista em diversas épocas históricas. Ao nos referirmos a esse assunto, observamos que o arquivista se desenvolve, ao longo desse tempo, em conjunto com as grandes transformações sociais, econômicas e tecnológicas mundiais. Se, antes, o seu desenvolvimento ocorria através do surgimento de um código estruturado de escrita ou, até, de movimentos revolucionários como a Revolução Francesa, hoje, temos um arquivista “contemporâneo”, que também se originou dessas vicissitudes.

O início do Século XX, com a Primeira Guerra Mundial, (apesar de seus saldos negativos) trouxe para a humanidade grandes desenvolvimentos tecnológicos tanto na área bélica quanto na da informática. No entanto, foi na Segunda Guerra Mundial e no pós-guerra que os avanços seguiram a passos largos, motivados pelas necessidades de batalha e pelas necessidades administrativas. Do lado administrativo, busca-se uma solução para o aumento e volume cada vez maior de documentos. Nesse contexto, surge o conceito de arquivística moderna, que diz respeito aos “novos paradigmas difundidos mais amplamente a partir da década de 50 por Shellenberg<sup>2</sup> e os demais teóricos da área [...]” (SANTOS, 2009, p. 175). Os fundamentos da teoria das três idades e da gestão documental, pensada por Shellenberg, e as inovações tecnológicas, com o advento do computador e, porventura, do documento digital, modificaram o aspecto profissional, as competências e a identidade do arquivista. Contudo, do ponto de vista de sua atuação,

---

<sup>2</sup> Theodore Roosevelt Shellenberg, norte-americano, é autor de inúmeras obras, a principal e que merece destaque chama-se “Modern archives: principles and techniques” (1956).

esse profissional ainda era pensado, na época de Shellenberg, como um simples “guardador” de documentos, como bem observa Santos (2009), ao identificar, nas palavras de Shellenberg e de outros teóricos, um posicionamento equivocado,

[...] no sentido de definir como passiva a relação entre os arquivistas e seus clientes, os usuários dos arquivos.” Nesse caso “[...] O arquivista não seria inserido no planejamento do fluxo da informação, nem na revisão dos processos administrativos e técnicos, muito menos teriam representação ou oportunidade de manifestar-se na elaboração do planejamento estratégico da instituição (SANTOS, 2009, p. 184).

Contudo, essa visão hoje é considerada ultrapassada e pode ser observada através de Editais de Concurso Público, como por exemplo, do Ministério Público da União do Brasil, realizado no ano de 2010, ao identificar como competências do arquivista as seguintes:

Realizar atividades de nível superior que envolvam o assessoramento aos membros do Ministério Público da União em processos administrativos e judiciais compreendendo a realização de vistorias, perícias, avaliações, análise de documentos, realização de estudos técnicos, coleta de dados e pesquisas, prestando informações técnicas sob a forma de pareceres, laudos e relatórios em matérias da área de Arquivologia, indicando a fundamentação técnica, métodos e parâmetros aplicados; a atuação em processos administrativos e judiciais quando indicado pelo Ministério Público da União, bem como em projetos, convênios e programas de interesse do Ministério Público em conjunto com outras instituições; o planejamento, supervisão, coordenação, orientação e execução de projetos ou serviços técnicos administrativos; a assistência ou assessoria na contratação de serviços; a realização de trabalhos que exijam conhecimentos básicos e/ou específicos de informática; outras de mesma natureza e grau de complexidade que venham a ser determinadas pela autoridade superior. (BRASIL, 2010, p. 02)

O arquivista, embora reconheça que a sua presença seja importante numa instituição, ainda não se reconhece capaz de atuar nos âmbitos gerenciais, e sua imagem fica associada, apenas, à de um arquivista recluso, junto com seus documentos num arquivo. No entanto, em um mundo globalizado, as modificações atuam em todas as formas. No campo do profissionalismo, essa modificação ocorre diante das estruturas macro de poder, ou seja, o profissional é subjugado a ceder às modificações, caso não o faça, ficará ultrapassado e perderá espaço no mercado competitivo do trabalho. Sendo assim, o arquivista é, e o tem que ser, um profissional dinâmico, que se adéqua às condições e às necessidades impostas pela sociedade da informação.

# CAPÍTULO 4

## A ARQUIVOLOGIA NO CONTEXTO BRASILEIRO

---

[...] a história do pensamento arquivístico neste século reflete a interação da teoria e prática desta disciplina que arquivistas de todo o mundo têm exercido para conservar a memória do mundo (COOK, 1996).

## 4 A ARQUIVOLOGIA NO CONTEXTO BRASILEIRO

Depois de uma revisão a respeito da Arquivologia e do perfil do profissional dessa área, neste capítulo, o diálogo será no âmbito nacional da Arquivologia, mostrando o seu surgimento, a sua consolidação, os seus confrontos e suas projeções.

### 4.1 ARQUIVOLOGIA NO BRASIL

Alguns trabalhos já vêm sendo desenvolvidos, na perspectiva de identificar o percurso da Arquivologia no Brasil. Trata-se dos estudos de Marques (2007) e de outros autores, que nos remetem ao Século XX, para determinar o surgimento da Arquivologia como área do conhecimento científico no Brasil. Segundo Marques e Rodrigues (2009)<sup>3</sup>, no ano de 1911, “já existiam preocupações quanto à criação de cursos que capacitassem profissionais para o tratamento especializado de documentos comuns a bibliotecas, a arquivos e a museus” (MARQUES; RODRIGUES, 2009, p. 05). Dessa data em diante, pouco foi feito ou registrado como atividades de criação de Cursos em Arquivologia no Brasil. Contudo, na segunda metade do Século XX, na década de 50, em meio aos avanços de desenvolvimento da Arquivística, em nível mundial, o Brasil implantou o primeiro Curso Permanente de Arquivos (CPA), no ano de 1960, após a execução de dois cursos ministrados pelo professor francês, Henri Boulier de Branche, a convite do Diretor do Arquivo Nacional, em 1959, (Marques; Rodrigues, 2009). Na década de 1970, diante da necessidade de institucionalizar academicamente o Curso de Arquivologia, no dia 13 de maio de 1974, por meio da resolução de número 28, do Conselho Federal de Educação, foi estabelecido o currículo mínimo do Curso de Graduação em Arquivologia, com carga horária de 2.160 horas-aulas, a serem cumpridas no prazo de três a cinco anos. O currículo compreendia disciplinas voltadas para as áreas de Direito, História e Administração/Contabilidade, conforme o artigo 1º da resolução, que segue abaixo:

---

<sup>3</sup> Informações retiradas da pesquisa de Mestrado apresentada ao PPGCINF - Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Unb, intitulada: *Os espaços e os diálogos da formação e configuração da Arquivística como disciplina no Brasil*.

Introdução ao estudo de Direito
Introdução ao estudo da História
Noções de Contabilidade
Noções de Estatística
Arquivo I – IV
Documentação
Introdução à Administração
História administrativa, econômica e social do Brasil
Paleografia e Diplomática
Introdução à Contabilidade
Notariado
Uma língua estrangeira moderna

Tabela 1: Disciplinas do primeiro currículo do Curso de Arquivologia  
 Fonte: Resolução de número 28, do Conselho Federal de Educação

Nesse sentido, através do Decreto 79.329, de 02 de março de 1977, o Curso Permanente de Arquivo (CPA) é transferido para a Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado do Rio de Janeiro (FEFIERJ)<sup>4</sup>, ficando então estabelecido o primeiro Curso de Arquivologia ministrado em ambiente acadêmico.

Da década de 1970 a 2011, vários Cursos de Graduação em Arquivologia foram criados pelo Brasil. O total, atualmente, é de dezessete (17) cursos. Segue, abaixo, uma tabela com a informação das Universidades que implantaram o Curso de Arquivologia além da UNIRIO.

INSTITUIÇÃO	DECRETO/RESOLUÇÃO/PORTARIA
<b>UFSM</b>	Parecer do Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão (CEPE) de número 179, de agosto de 1976. Reconhecido pela Portaria Ministerial n. 076/81 e portaria n. 250/2006/MEC.
<b>UFF</b>	Resolução n. 73/78 do Conselho Universitário.
<b>UnB</b>	Resolução n. 32/90 do Conselho Universitário.
<b>UEL</b>	Decreto 6.646/97 e Resolução n. 112/97 do Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão.
<b>UFBA</b>	Parecer n. 075/97; reconhecimento pela Portaria 1.864/03.
<b>UFRGS</b>	Resolução n. 112/99 do Conselho Universitário; reconhecido pela Portaria 2.881/00/MEC.

<sup>4</sup> Atual Universidade do Rio de Janeiro – UNIRIO



<b>UFES</b>	Resolução 24/99 do Conselho Universitário; reconhecido pela Portaria 3.458/04.
<b>UNESP</b>	Resolução n. 87/03.
<b>UEPB</b>	Resolução n. 010/06 do Conselho Universitário.
<b>UFPB</b>	Resolução 42/08 do Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão.
<b>FURG</b>	Deliberação nº. 14/08 do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão.
<b>UFMG</b>	Sem informações sobre o ato de criação. Suas atividades tiveram início em 02.03.2009.
<b>UFAM</b>	Sem informações sobre o ato de criação. Suas atividades tiveram início em 03.03.2009.
<b>UFSC</b>	Sem informações sobre o ato de criação. Suas atividades tiveram início em 01.03.2010.

Tabela2: Atos de criação dos outros 16 Cursos de Arquivologia no Brasil.

Fonte: Dados da pesquisa, 2011.

## 4.2 ARQUIVOLOGIA NA UFPB

Por se tratar de uma pesquisa que tem como foco o Curso e os estudantes de Arquivologia da Universidade Federal da Paraíba, adentramos a recente memória desse Curso, que se aproxima dos quatro anos de existência.

Embora tenha sido criado, efetivamente, no ano de 2008, através da Resolução 42/08/CONSEPE/UFPB, as discussões em torno da criação do Curso de Arquivologia da UFPB, segundo Freitas e Aquino (2006), tiveram início no dia 07 de julho de 1999, em reunião do colegiado do antigo Departamento de Biblioteconomia e Documentação da UFPB, que decidiu pela criação de um Curso de Arquivologia cuja base seriam as conjunturas sociais de mercado de trabalho e políticas educacionais.

O Programa Curricular, que envolve disciplinas das Áreas da Arquivística, Ciência da Informação, História, Direito e Administração, foi, ainda segundo Freitas e Aquino (2006), desenvolvido em consonância com o Departamento de História da UFPB e o Núcleo de Documentação e Informação Histórica e Regional da Paraíba (NDIHR), onde foi possível obter um currículo com oferta de disciplinas interdisciplinares.

Apesar de todo o planejamento de criação, o Curso de Arquivologia somente foi criado após a aprovação do Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007, que institui o

Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI<sup>5</sup>. Esse Plano, segundo o Artigo 1º do seu Decreto citado acima, tem

[...] o objetivo de criar condições para a ampliação do acesso e permanência na educação superior, no nível de graduação, pelo melhor aproveitamento da estrutura física e de recursos humanos existentes nas universidades federais (BRASIL, 2007).

Nessa ótica, a proposta de criação do Curso de Arquivologia fora enviada ao Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão (CONSEPE) e aprovada sob a resolução de nº. 42, de 15 de julho de 2008. As atividades tiveram início no mês de outubro do mesmo ano, após o vestibular especial do REUNI.

Hoje o curso de Arquivologia, depois de muitos amargos, possui um corpo docente lotado no Departamento de Ciência da Informação (DCI/UFPB), de 33 professores, onde destes 15 são doutores e 18 mestres, oriundos das áreas das Ciências Sociais, da Biblioteconomia, da Computação, e da Ciência da Informação. Dos 33 docentes lotados no DCI, apenas 05 possuem curso de especialização em Organização de Arquivos, 04 deles tendo cursado no âmbito da UFPB e um no âmbito da UFPE. Do ponto de vista da produção científica da área todos se revelam aquém dos interesses da área, ou seja, alguns com raríssima exceção possuem em seu currículo lattes, trabalhos científicos e/ou técnicos, específicos, voltados para a área da Arquivologia, o que parece revelar um distanciamento entre teoria e prática, entre o exercício da docência e o domínio técnico.

Neste cenário, configura-se ainda uma carência de docentes advindo da Arquivologia, o que poderá ser sanado nos próximos anos em detrimento do aumento do número de cursos de graduação em Arquivologia no Brasil. Sob o aspecto discente, o curso de Arquivologia da UFPB possui à época da pesquisa seis turmas, onde a primeira turma encontra-se no sexto (6) período letivo de um total de dez (10).

O currículo do curso de Arquivologia da UFPB possui uma carga horária de 2760 horas/aulas, distribuídas em disciplinas obrigatórias, optativas e flexíveis, categorizadas em: **Conteúdos de Formação Básica**, contendo disciplinas técnicas, legislativas, comportamentais do ponto de vista do arquivista e ainda de estágios obrigatórios; **Conteúdos Complementares Obrigatórios**, envolvendo disciplinas que sirvam de suporte para outras atividades, não somente relacionada à técnica da

---

<sup>5</sup> O REUNI é uma das ações do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) do Governo Federal Brasileiro.

Arquivologia, mas também de outros saberes como o histórico, legislativo, estatístico, computacional, filosófico e ainda elementos básicos da Ciência da Informação; **Conteúdos Complementares Optativos** compõe as disciplinas que sirvam de complemento intelectual e profissional ao aluno, através de seu próprio interesse e curiosidade, com relação á disciplinas que tenham ou não relação aproximada com o campo de formação ao qual o aluno está sendo formado.

É de se perceber que o currículo do curso de Arquivologia da UFPB, prepara o profissional para os aspectos gerenciais de unidades de informação arquivística voltados principalmente, para os ambientes administrativos existentes nos diversos tipos institucionais, seja ele, público e/ou privado, das mais variadas categorias de serviço. No entanto, isso denota pouco apreço quando identificamos que a relação entre o presente e passado relacionado com a memória e a história, contida nos lugares de memória não é estimulado pelos conteúdos programáticos do curso de Arquivologia da UFPB, onde apenas se faz presente com o número de duas disciplinas que relacionam esses aspectos. São elas: **Introdução ao estudo da História**, do Departamento de História da UFPB (DH/UFPB); e **Informação, memória e sociedade**, do Departamento de Ciência da Informação (DCI/UFPB).

## CAPITULO 5

### ANÁLISE DE CONTEÚDO DO *CORPUS* DE PESQUISA

---

[...] a representação não é apenas esforço de formulação mais ou menos coerente de um saber, mas também interpretação de sentido[...] (HERZLICH, 1984).

## 5 ANÁLISE DE CONTEÚDO DO CORPUS DE PESQUISA

A análise/interpretação dos dados, como ressaltado anteriormente, foi realizada em dois momentos e utilizando-se duas abordagens diferentes, a qualitativa e a quantitativa. Para a análise qualitativa, foi empregada a técnica de análise de conteúdo, através da construção de categorias, seguindo as recomendações de Bardin (1989). Já para a análise quantitativa, fez-se uso do *software Tri-Deux Mots*<sup>6</sup>. Para que os dados coletados fossem processados no *software Tri-Deux*, foi necessária a organização do material obtido em diversas etapas, como descrevemos a seguir: elaboração de dicionário, categorização e organização do banco de dados.

Após a coleta dos dados, todas as respostas dos participantes foram digitadas e separadas em arquivos, de acordo com os cursos e os estímulos, formando um dicionário de palavras. As que se repetiram com maior frequência se impuseram como categorias que poderiam incluir e agrupar outras palavras isoladas que tivessem a mesma ou aproximada significação. Em seguida, foi elaborado o banco de dados com as características. Inicialmente, foram introduzidas, em forma de números e em colunas, as variáveis sociodemográficas (curso, sexo e renda), seguidas das respostas relativas a cada estímulo indutor que se apresenta como número relativo ao estímulo e colado a cada resposta. Cada palavra é codificada em até sete dígitos e padronizada para não produzir erros estatísticos quando processados no *software*.

As variáveis sociodemográficas foram codificadas da seguinte forma:

<b>CURSO</b>	1 = ARQUIVOLOGIA 2 = BIBLIOTECONOMIA
<b>SEXO</b>	1 = MASCULINO 2 = FEMININO
<b>RENDA</b>	1 = até 1 SALÁRIO (R\$510,00) 2 = de 1 a R\$2.449,00 3 = igual e acima de R\$2.500,00

Tabela 3: Variáveis sociodemográficas da pesquisa

Os estímulos foram codificados em:

<b>ESTÍMULOS</b>	
<b>ESTÍMULO 1</b>	<b>ESTÍMULO 2</b>
ARQUIVOLOGIA	ARQUIVISTA

Tabela 4: Estímulos utilizados na pesquisa

<sup>6</sup> Na parte metodológica, no item “Processamento e análise dos dados”, acima apresentado, encontram-se as informações detalhadas referentes à análise estatística sobre todos os procedimentos metodológicos esclarecedores e relativos a essa questão.

O exemplo seguinte indica como foi construído o banco de dados que contém todas as informações relativas a cada participante (curso, sexo, renda) assim como as respostas de cada um. No recorte do banco de dados abaixo, pode ser compreendido:

```
121INFO1 GESTAO1 MEMO1 HISTO1 PRESER1 CIEN1 SISTE1 REDE1 ACESS1
USUAR1 ORGA1 ESTU1 PROFI2 GESTOR2 ETICA2 USUAR2*
211DOCU1 PAPEL1 POEIRA1 MEMO1 ORGA2 RESTA2*
```

O primeiro número, que é 1, indica que o sujeito é aluno do Curso de Arquivologia; o segundo número corresponde ao sexo feminino, e o terceiro indica a renda. Observando o segundo sujeito, o primeiro número indica que ele é do Curso de Biblioteconomia, representado pelo número 2.

As respostas do primeiro sujeito, estudante de Arquivologia, em relação ao estímulo um (1) (Arquivologia) associa-se com a Informática, a Gestão, a Memória, a História, a Preservação, a Ciência, a um Sistema etc. No que diz respeito ao estímulo dois (arquivista), o mesmo sujeito respondeu que é uma profissão de gestor, que tem ética.

O segundo sujeito, aluno do Curso de Biblioteconomia, entende que Arquivologia é documento, papel, poeira e memória. Para ele, o estímulo dois, arquivista é quem organiza e restaura.

Após o processamento dos dados, ficou constatado que, do total da amostra (n=71), foi evocado um total de 548 palavras relativas aos dois estímulos, conforme os dados do Anexo 1 (*dicionário de palavras e frequência*).

## 5.1 A ANÁLISE QUALITATIVA

### 5.1.1 A ciência arquivística sob a ótica dos graduandos de Arquivologia e Biblioteconomia

Em relação à pergunta sobre o que os participantes pensam a respeito do arquivista e da Arquivologia, destacam-se duas importantes categorias: (1) a do **conhecimento** da Arquivologia e (2) a da **prática profissional** arquivista. Ambas as categorias se desdobram em mais duas subcategorias.

A primeira é construída e mobilizada por uma relação de triangulação. O *arquivo* (95,7%) aparece com face dupla representativa da Arquivologia e do arquivista. Atrelada à ideia de arquivo, encontra-se a representação de *documento* que remete à *memória*. O

arquivo e a memória revelam-se com uma representação de interdependência e tipicamente pós-moderna, com o advento e a massificação da informática. A memória manifesta-se de forma dicotomizada: digital versus papel. Para os entrevistados do Curso de Biblioteconomia, a memória é preservada e registrada, preponderantemente, em documentos, na forma tradicional, e arquivada, historicamente, na forma de papel. Paradoxalmente, a maioria dos participantes são jovens que pertencem à era digital, que têm uma relação mais frequente e íntima com a informática, entretanto manifestam com maior frequência as unidades de registro (UR) relativas ao passado, conforme demonstra o quadro abaixo.

ARQUIVOLOGIA	ALUNOS DE ARQUIVOLOGIA	ALUNOS DE BIBLIOTECONOMIA	TOTAL UR	% n = 71
ARQUIVO	36	32	68	95,8
DOCUMENTO	27	28	55	77,4
MEMÓRIA	6	2	8	11,2
BIBLIOTECA	3	7	10	14,0
PAPEL	4	6	10	14,0
PASTA	2	2	4	5,6
POEIRA	-	3	3	4,2
CARTA	1	-	1	1,4
CARTOLINA	1	-	1	1,4
SISTEMA	1	-	1	1,4
REDE	1	-	1	1,4
DIGITAL	1	-	1	1,4
VÍDEO	1	-	1	1,4
SUPORTE	2	-	2	2,8
TOTAL	86	80	166	

Tabela 5: Frequência de unidades de registro do estímulo: Arquivologia

Com base no quadro acima, outra característica identificada se configura na representação de *biblioteca*. Para os alunos de ambos os cursos, existe essa relação entre a Arquivologia (arquivo) e a Biblioteconomia (biblioteca), compreendida, historicamente, através do percurso da Arquivologia e, culturalmente, pelas práticas acadêmicas existentes no Curso de Arquivologia da UFPB. Tanto na Universidade Federal da Paraíba quanto na Universidade Federal da Bahia (Duarte, 2007), verifica-se a presença de um grande número de docentes advindos da área da Biblioteconomia na formulação curricular do curso e no ensino de disciplinas<sup>7</sup>. Nesse sentido, devido aos seus valores teóricos, práticos e profissionais, esses docentes introduzem, direta ou indiretamente, as suas competências acadêmicas, formando um currículo composto, quase sempre, de disciplinas práticas e

<sup>7</sup> Justificável pela falta de docentes com formação em Arquivologia no Brasil.

técnicas, deixando de focar [também] os aspectos teóricos da área, o que contribuiria para o fortalecimento e o reconhecimento da área como conhecimento científico ou, até, como uma ciência independente.

Sobre isso, Duarte (2007) afirma que “a Arquivologia no Brasil se constitui área profissional autônoma, embora não se tenha encontrado saída para a sua verdadeira independência, ficando relacionada ao campo da Ciência da Informação e da Biblioteconomia” (Duarte, 2007, p. 146). Essa prática, presente em alguns Cursos de Arquivologia, pode ser interpretada como uma tentativa de os antigos profissionais atuantes em arquivos não perderem espaço no mercado de trabalho, buscando, então, manter relações curriculares entre os cursos.

Existe ainda uma diferença quanto às representações da Arquivologia para os alunos de Biblioteconomia e para os estudantes de Arquivologia. Podemos dizer que, embora o **núcleo** seja constituído dos mesmos elementos (*arquivo e documento*), para ambos os grupos, existem duas representações diferenciadas e até opostas, conforme se estruturam e se organizam os elementos periféricos em torno do núcleo.

Para os alunos de Arquivologia, os *arquivos e os documentos* são a matéria essencial da Arquivologia, mas os elementos periféricos articulados ao núcleo determinam a significação da representação na medida em que o tipo de *memória* que resguarda esses documentos consiste em *arquivos digitais*, que disponibilizam informações na forma de *suporte, rede, sistema e vídeo*. A combinação desses elementos (arquivo, documento, rede, digital, sistema) torna a representação da memória dinâmica, ativa, uma espécie de constante modelagem e de natureza digitalizada. Mesmo que *biblioteca, papel e carta* também se acrescentem aos elementos periféricos, a representação dos alunos do Curso de Arquivologia é determinada, essencialmente, pela significação da Arquivologia a partir agora dos seus arquivos e documentos digitais.

Inversamente, os alunos do Curso de Biblioteconomia, mesmo considerando que arquivos e documentos são matéria básica da Arquivologia, essas informações são preservadas na petrificação do espaço físico da *biblioteca*, e na concretude de *papéis, pastas e poeira* como componentes que caracterizam a memória das informações.

Portanto, os alunos de Biblioteconomia entendem que há uma representação imobilizada na memória e na história da Arquivologia, posto que remete às práticas tradicionais de arquivamento de documentos e preservação da memória, através desse



método, numa instituição ou espaço bibliotecário. Pode-se supor que a caracterização da Arquivologia consiste numa projeção da experiência bibliotecária.

Polarizados em representações opostas a esse grupo, os alunos de Arquivologia estão confrontados a uma dinâmica da história endereçada ao futuro, enfatizando a memória de natureza digital, como lugar ou suporte de armazenamento de informações que funciona de modo dinâmico, através de redes, sistemas e vídeos.

Partindo, agora, para a análise da categoria **Arquivologia**, destacou-se o **conhecimento científico** como subcategoria. O conhecimento científico da Arquivologia é representado como sendo parte da *Ciência da Informação* ou, ainda, como um tipo de estudo/curso que se realiza através da pesquisa e com ela, cujos resultados sempre são destinados ao futuro.

CONHECIMENTO CIENTÍFICO	ALUNOS DE ARQUIVOLOGIA	ALUNOS DE BIBLIOTECONOMIA	TOTAL UR	% n = 71
INFORMAÇÃO	26	9	35	49.3
CIÊNCIA	10	1	11	15.5
ESTUDO	9	4	13	18.3
CURSO	1	5	6	8.4
PESQUISA	4	2	6	8.4
FUTURO	1	0	1	1.4
TOTAL	51	21	72	

Tabela 6: Frequência de unidades de registros da categoria Conhecimento científico

Pode-se observar como se evidencia uma nítida discrepância entre os estudantes de Biblioteconomia em relação aos de Arquivologia. A Arquivologia, como conhecimento científico, é uma representação exclusiva dos alunos de Arquivologia, quando explicitam, com exatidão e aprofundamento, que a Arquivologia é um conhecimento científico ligado à Ciência da Informação, fundada no *estudo* e na *pesquisa*, como demonstram os elevados índices de unidades de registros e, respectivamente, os altos percentuais.

Diferentemente, para os alunos de Biblioteconomia, embora algumas representações coincidam, fica marcante para esse grupo, genericamente, que a Arquivologia é um *Curso/estudo da informação*, revelando lacuna quanto ao que há de peculiar e exclusivo da Arquivologia.

### 5.1.2 A profissão arquivística no olhar dos graduandos de Arquivologia e Biblioteconomia

A segunda categoria, **profissional arquivista** (83%), impõe-se com muita intensidade sobre o que é um arquivista. Os estudantes de Arquivologia representam muito como uma *profissão* e, em menor intensidade, um tipo de *trabalho* em que é exercido o papel de *gestor ético*, que *organiza* e *preserva* a informação. Isso significa que o arquivista já é representado como um profissional no mercado de trabalho.

Já os alunos de Biblioteconomia apenas equiparam a profissão a um tipo de trabalho sem jurisdição, pouco específico, que tem como função organizar, e desconhecem a função gestora do arquivista, quase anulando a importância ética desse profissional. Possivelmente, por não considerarem efetivamente como uma profissão com identidade e especificidades próprias e distintas das outras, tendo em vista até os aspectos históricos que, nos dias de hoje, ainda permeiam o espaço profissional, onde bibliotecários metódicos atuavam na função de arquivistas.

ARQUIVISTA	ALUNOS DE ARQUIVOLOGIA	ALUNOS DE BIBLIOTECONOMIA	TOTAL UR	% n = 71
PROFISSÃO	36	23	59	83.0
ORGANIZA	20	28	48	67.6
PRESERVA	12	1	13	18.3
TRABALHO	09	17	26	36.6
ÉTICA	10	1	11	15.4
GESTOR	9	-	9	12.6
TOTAL	96	70	166	

Tabela 7: Frequência de unidades de registro da categoria Arquivista

A **identidade** emerge como subcategoria do **arquivista**, com uma ampla gama de características particularmente reveladoras em relação à representação que é construída a respeito da Arquivologia e sua prática. Para os entrevistados, esse tipo de conhecimento exige do profissional uma identidade particular e com capacidade diferenciada do comum.

IDENTIDADE DO ARQUIVISTA	ALUNOS ARQUIVOLOGIA	ALUNOS BIBLIOTECONOMIA	TOTAL UR	% n = 71
CONFIANTE	1	-	1	1.4
CRIATIVO	1	-	1	1.4
DESEMPENHO	1	-	1	1.4
FORÇA	1	-	1	1.4
GARRA	1	-	1	1.4
SEGURO	1	-	1	1.4
SERIEDADE	1	-	1	1.4
INDEPENDENTE	1	-	1	1.4

OTIMISTA	1	-	1	1.4
PERSEVERANÇA	2	-	2	2.8
ORGULHO	1	-	1	1.4
RESPONSÁVEL	18	7	25	35.2
CORAGEM	3	1	4	5.6
PACIENTE	3	1	4	5.6
ÁGIL	2	1	3	4.2
COOPERATIVO	-	1	1	1.4
HABILIDOSO	-	1	1	1.4
INTELIGENTE	-	1	1	1.4
TOTAL	38	13	51	

Tabela 8: Frequência de unidade de registro da categoria Identidade

Para os alunos de Arquivologia, a identidade do arquivista se caracteriza, prioritariamente, por *responsabilidade, coragem, paciência, perseverança, otimismo, agilidade*; ele tem que ser *confiante, criativo, independente e seguro, ter otimismo, seriedade, garra, força e bom desempenho*. Encontra-se subjacente a essas representações uma identidade de alguém capaz de superar continuamente obstáculos e de ter capacidade para enfrentar frustrações e incertezas. Bauman (2005), a esse respeito, afirma:

Tornamo-nos conscientes de que o ‘pertencimento’ e a ‘identidade’ não têm solidez de uma rocha, não são garantidos para toda vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o ‘pertencimento’ quanto para a ‘identidade’ (BAUMAN, 2005, p. 17).

Isso pode ser explicado pelo fato da profissão de arquivista do ponto de vista jurídico, ainda não seja historicamente consagrada, embora a adoção de sua prática pertença a épocas passadas (Idade Antiga). Neste caso, devido o seu recente aparecimento enquanto conhecimento científico e ainda a sua contemporânea jurisdição legal no cenário brasileiro, é que fazem da profissão de arquivista ainda uma incógnita para os entrevistados. Logo, o que é desconhecido ou pouco familiar produz sentimentos de insegurança, particularmente, quando há projeção de um futuro profissional e a necessidade de criar uma personificação heroica.

Os alunos de Biblioteconomia também enfatizam a primazia da responsabilidade, da coragem, da paciência e da agilidade como características da identidade do arquivista. Acrescentam aspectos sociais, quando sugere que deve ser cooperativo, e cognitivos, ao referir que deve ser habilidoso e inteligente.

Nesse caso, Bauman (2005) afirma que

[...] as identidades flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas (BAUMAN, 2005, p. 19).

A representação (identidade) dos estudantes de Arquivologia como primeira identificação sempre estará em constante mudança e representação, tanto por parte dos arquivistas quanto de outros profissionais, nesse caso, o bibliotecário. Portanto, pode-se inferir que existe maior familiaridade na descrição da identidade do arquivista para os alunos de Arquivologia do que para os de Biblioteconomia que, de certa forma, identificam o arquivista como um apêndice da Biblioteconomia.

A segunda subcategoria do arquivista remete às **técnicas** e aos métodos da sua prática profissional. As representações construídas sobre suas técnicas metodológicas consistem, essencialmente, no seu trabalho de **conservação, restauração, organização e preservação**.

TÉCNICAS	UR	% n = 71
ORGANIZAÇÃO	20	28.2
PRESERVAÇÃO	13	18.3
CONSERVAÇÃO	1	1.4
RESTAURAÇÃO	1	1.4
TOTAL	35	

Tabela 9: Frequência de unidades de registro da categoria: Técnicas.

Abaixo, encontra-se o gráfico 5 que demonstra como se estrutura a representação da Arquivologia, em forma de espiral, evidenciando seus componentes:

- O **núcleo central** constituído dos elementos: *arquivo, documentos*, idênticos para os dois grupos de alunos.
- Os **elementos periféricos**, diferenciados conforme os grupos. Para os alunos de Arquivologia, os elementos são: profissão, informação, ciência, memória, papel, biblioteca, rede, digital, sistema, suporte. Para os de Biblioteconomia, os elementos periféricos são: profissão, trabalho, informação, biblioteca, papel e curso.

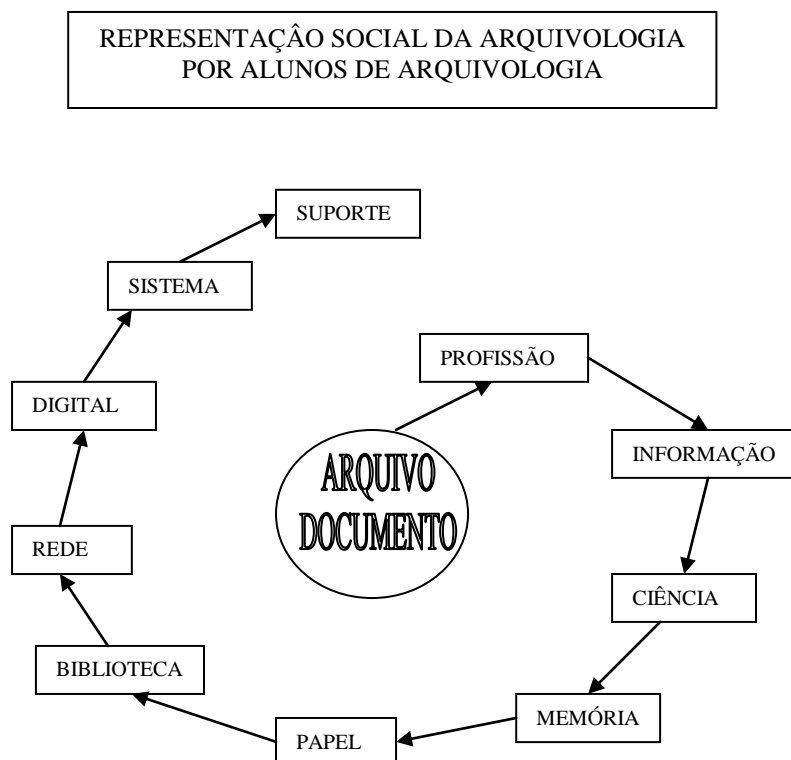


Gráfico 5: Representação gráfica das TRS dos estudantes de Arquivologia

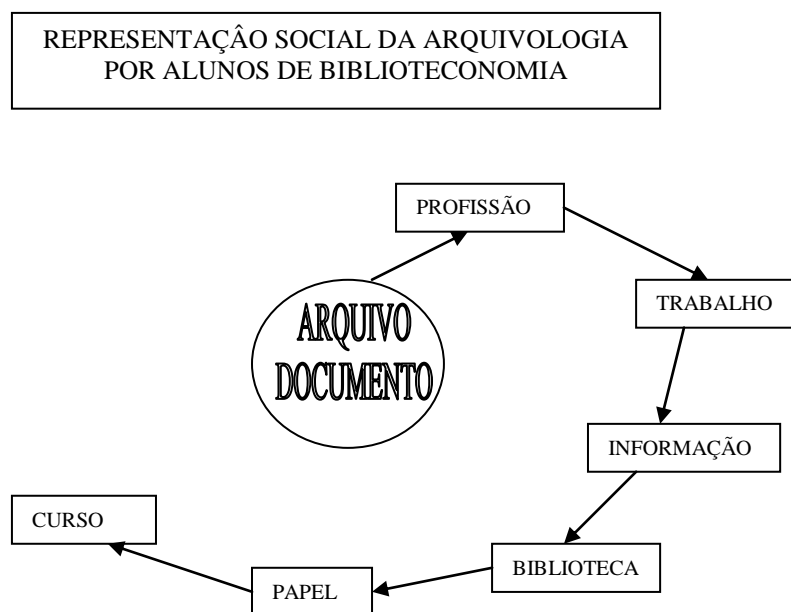


Gráfico 6: Representação gráfica das TRS dos estudantes de Biblioteconomia

## 5.2 ANÁLISE ESTATÍSTICA DOS DADOS

A análise do gráfico 7 foi realizada com base nos resultados apresentados pela Análise Fatorial de Correspondência (AFC) relativa às respostas dos estímulos indutores. A apreciação dos dois primeiros fatores revelou os seguintes resultados: o fator 1 explica

59.5% de respostas, e o segundo fator explica 24.3%, perfazendo um total de 83.8% de respostas, percentual de dados contemplados estatisticamente para serem explicados.

Facteur (fator) 1

Pourcentage du total (porcentagem do total) = 59.5

Facteur (fator) 2

Pourcentage du total (porcentagem do total) = 24.3

A representação gráfica dos planos fatoriais 1 e 2 (F1 e F2) - ver figura - revela com clareza como se estrutura a TRS dos estudantes em relação ao objeto de pesquisa. O mapa fatorial é determinado pelas respostas aos estímulos indutores que mais contribuíram para a formação dos eixos. No total, foram evocadas 548 palavras pelos 71 sujeitos, das quais apareceram 107 diferentes.

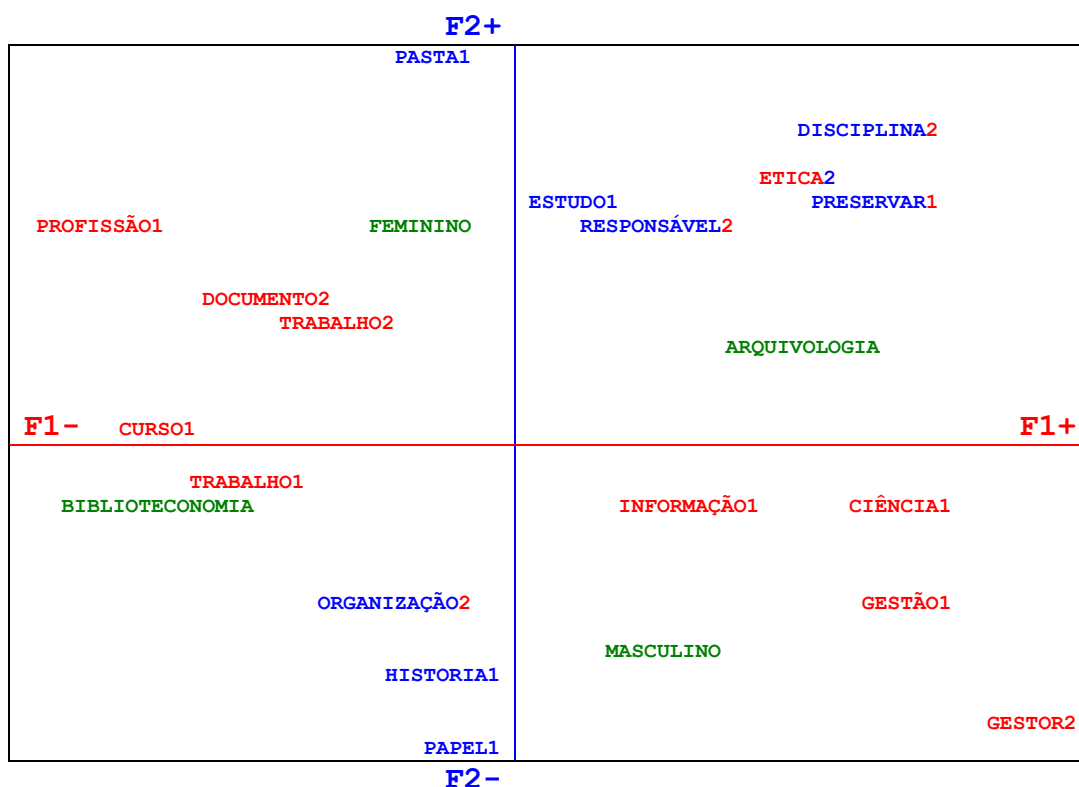


Gráfico 7: Representação gráfica dos eixos fatoriais 1 e 2.

Fator1 (F1 = horizontal, vermelho)      Fator2 (F2 = vertical, azul)

ESTÍMULO 1	ARQUIVOLOGIA
ESTÍMULO 2	ARQUIVISTA

No eixo 1 (F1), horizontal e de cor vermelha, encontram-se evidenciadas as representações dos alunos do Curso de Arquivologia, situados à direita do gráfico e em

oposição às representações dos alunos de Biblioteconomia, à esquerda do plano fatorial. No eixo 2 (F2), os sujeitos encontram-se diferenciados por sexo: o masculino representado pelas respostas abaixo do eixo F2, e o sexo feminino, acima do eixo 2.

No Fator 1, do lado direito ou positivo, os estudantes de Arquivologia representam o estímulo 1, **Arquivologia**, como sendo parte da “*Ciência*”, da “*Informação*”, uma forma de “*Gestão*”, que tem como função “*Preservar*”. Sobre o estímulo 2, esses mesmos alunos representam o **arquivista** como uma pessoa *ética, gestora, responsável por preservar* e ainda tendo que ter *disciplina*.

Ainda no Fator 1, lado esquerdo, encontram-se os alunos do Curso de Biblioteconomia, em oposição aos de Arquivologia. Em relação ao primeiro estímulo, a Arquivologia foi representada como um *curso*, uma *profissão* e um tipo de *trabalho*. Quanto ao segundo estímulo, o arquivista é representado por alunos de Biblioteconomia como alguém que *trabalha com organização de documentos*.

Pode-se observar uma diferença marcante nas representações dos estudantes de Arquivologia em relação aos de Biblioteconomia no Fator 1. Existe uma precisão e clareza na caracterização da Arquivologia para os estudantes desse curso, porquanto consideram que se trata de um conhecimento científico, cujo objeto é a informação, e destacam a ênfase na consciência ética que o arquivista deve ter como gestor na preservação de documentos.

Inversamente, os alunos do Curso de Biblioteconomia constroem representações genéricas e, sob o viés do contágio do próprio Curso de Biblioteconomia, entendem o arquivista como uma profissional cuja prática consiste apenas em organizar documentos.

No Fator 2 (F2+), de cor azul, existe uma oposição de gênero. Na parte superior do gráfico, F2 positivo, encontram-se os participantes do sexo feminino em oposição aos do sexo masculino, que se encontram na parte inferior do gráfico ou F2-. As estudantes do sexo feminino representam a **Arquivologia** como um tipo de *estudo* que tem como função *preservar pastas*<sup>8</sup>. Quanto ao segundo estímulo, o **arquivista** é uma pessoa que deve ser *responsável, disciplinada* e que tenha *ética*.

No lado oposto do mesmo eixo, Fator 2 (F2-), na parte inferior do gráfico, os alunos do sexo masculino afirmam que a Arquivologia é associada à *história e a papel*.

---

<sup>8</sup> “Pastas” nesse caso é interpretada com sentido tipológico.

No que diz respeito ao gênero, é possível evidenciar que as representações dos sujeitos do sexo feminino encontram-se mais em sintonia com as dos alunos de Arquivologia, diferentemente dos participantes do sexo masculino. Portanto, os estudantes de Arquivologia enfatizam a questão social da formação profissional quando usam termos como **ética**, **responsabilidade**, **disciplina** etc., diferentemente dos estudantes de Biblioteconomia, que valorizam o aspecto técnico porque entendem que a Arquivologia é apenas uma forma de organizar papéis e documentos.



# CAPÍTULO 6

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

Como alcançar a unidade na diferença e como preservar a diferença na unidade? (BAUMAN, 2005).

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos resultados do estudo, é possível identificar que existe uma representação social dinâmica e um problema nas representações sociais dos alunos de Arquivologia, ao identificarem-na como um tipo de conhecimento da Ciência da Informação, que lida com arquivos e documentos de forma digital, através de uma memória modeladora que se realiza na forma de rede e de sistemas de informação. Pois não se trata a Arquivologia, a Biblioteconomia e a Museologia de serem os saberes práticos e técnicos da CI, e a esta ultima os saberes científicos de uma ciência. Logo é importante determo-nos de que a Arquivologia faz parte de um saber que se desenvolve a cada dia para se consolidar enquanto campo do conhecimento científico, pautado em procedimentos, técnicas e teorias específicas.

O profissional arquivista comporta-se na visão dos estudantes de Arquivologia, como um gestor cuja identidade é marcada pela responsabilidade ética e pela capacidade criativa e inovadora de superar desafios em meio a uma sociedade volátil.

Em posição oposta, os alunos de Biblioteconomia representam de modo reducionista a Arquivologia, imobilizada no campo de estudo da documentação, dos arquivos e das bibliotecas, que são preservados, na memória material de papéis e de pastas, por um profissional habilidoso, cooperativo e responsável pela organização da documentação.

Nesse sentido, ao tomar como ideia a noção de que vivemos, atualmente, numa fase de perda de âncoras sociais, percebe-se que a construção e a utilização de um termo do tipo profissional da informação para designar aquele grupo de pessoas que lidam com a informação se faz de forma problemática, porque a percepção de si, como profissional, ainda não se faz de maneira uniforme ou homogênea. Portanto, o indivíduo deve se conhecer e conhecer ao outro primeiro, para que não haja intensos conflitos de identidade. Nesse caso, a construção de uma identidade para os arquivistas é necessária, pois,

[...] quando a identidade perde as ancoras *sociais* que a faziam parecer ‘natural’, predeterminada e inegociável, a identificação se torna cada vez mais importante para os indivíduos que buscam desesperadamente um “nós” a quem possa pedir acesso (BAUMAN, 2005, p, 30).

Portanto, podemos concluir que a representação dos estudantes de Arquivologia é líquida, pois convive, constantemente, com as mudanças, como defende Moscovici (2003), a respeito das constantes mudanças das representações sociais que os indivíduos estão a todo o momento realizando.

Dito isso, esses resultados apontam apenas o início de uma discussão que tende a contribuir com a Arquivologia, no que diz respeito ao seu profissional. Através deste estudo, foi possível compreender alguns aspectos relativos às questões que definem o perfil desse profissional e que abrem espaço para novas pesquisas, tanto em torno do profissional, quanto do Curso de Arquivologia e, ainda, da identidade destes dois últimos.

## REFERÊNCIAS

- ABBOTT, Andrew, **The system of professions: an essay on the division of expert labor**, Chicago: The University of Chicago Press, 1988.
- ABRIC, J.C. **Pratiques sociales et représentations**. Paris: PUF, 1992.
- \_\_\_\_\_. Abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, A. S. P.; Oliveira, D. C. (orgs.). **Estudos interdisciplinares de representações sociais**. Goiânia: AB, 1998, p. 59-82.
- \_\_\_\_\_. (dir.) **Méthodes d'études des représentations sociales**. Ramonville: Ed.Erès, 2003.
- ANDRADE, Fernando C. Bezerra. A Teoria das Representações Sociais. In: ANDRADE, Fernando César Bezerra, (orgs.). **Representações sociais e formação do educador: revelando interseções do discurso**. João Pessoa. Editora Universitária/UFPB, 2002.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 5. ed. Lisboa, 1989.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Editora, Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2005.
- BRASIL. Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007. Institui o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais - REUNI. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, v.?, N. 79, 25 de abril de 2007. Seção 1, p. 07.
- BRASIL. Lei nº 9.674, de 25 de junho de 1998. Dispõe sobre o exercício da profissão de Bibliotecário e determina outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9674.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9674.htm)> Acessado em: 06 de julho de 2011.
- CAPURRO, Rafael; HJØRLAND, Birger. O conceito de Informação. In: **Perspectiva em Ciência da Informação**, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan/abr. 2007.
- CARR, Edward Hallet. **Que é História?** São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- CIBOIS, P. **L'analyse des données en sociologie**. 2. ed. Paris: PUF, 1990.
- COEPE. Fundação Universidade Federal do Rio Grande. Dispõe sobre a criação do Curso de Graduação em Arquivologia – Bacharelado e seu PPP. Resolução nº 14 de 16 de maio de 2008. Disponível em: <<<http://www.conselho.furg.br/converte.php?arquivo=delibera/coepe/01408.htm>>>. Acessado em: 22 de junho de 2011.

COOK, Terry. **Interacción entre la teoría y la práctica archivísticas desde la publicación del manual holandés en 1898.** In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ARCHIVOS, 13, Beijing, 1996. *Actes*.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA. Aprova o Projeto Político-pedagógico do Curso de Graduação em Arquivologia, na modalidade Bacharelado. Resolução nº 42 de 17 de junho de 2008. Disponível em: <<[http://www.ufpb.br/sods/consepe/resolu/2008/Rsep42\\_2008.htm](http://www.ufpb.br/sods/consepe/resolu/2008/Rsep42_2008.htm)>> Acessado em: 22 de Junho de 2011.

DI GIACOMO, J. P. Aspects méthodologiques de l'analyse des représentations sociales. **Cahiers de Psychologie Cognitive**, Paris, nº 1, v. 1, 1981, p. 397-422.

DE ROSA, A. S. Sur l'Usage des Associations Libres dans l'Étude des Représentations Sociales de la Maladie Mentale. **Connexions**, nº 51, Rome, Université de Rome, 1988.

DUARTE, Zeny. Arquivo e arquivista: conceituação e perfil profissional. **Revista da Faculdade de Letras Ciências e Técnicas do Patrimônio**. Porto, 2006-2007. I Série vol. V-VI, p. 141-151.

DUBAR, Claude. **A socialização - construção das identidades sociais e profissionais.** Trad. SILVA, Andréa Stahel M. da. São Paulo Martins Fontes, 2005.

FERREIRA, Sandra M. Dos Santos. **As contribuições de historiadores na organização de arquivos na cidade de João Pessoa/PB.** 2002, 56 f. Monografia (Bacharelado em História) – Centro Universitário de João Pessoa (UNIPÊ). João Pessoa/PB, 2002.

FREITAS, Adolfo Júlio Porto de, AQUINO, Mirian de Albuquerque. Currículo de graduação em Arquivologia: *uma proposta da flexibilização curricular/LDB*. In: **Proceedings XIX Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação 1**, Centro de eventos da PUCRS. Disponível em: <<<http://dici.ibict.br/archive/00000661/01/T003.pdf>>> Acessado em: 22 de junho de 2011.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5ª Ed. São Paulo, Atlas, 1999.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro, Objetiva, 2001.

JODELET, Denise. **La representation social: fenômenos, concepto y teoría.** In: MOSCOVICI, Serge (Org). *Psicologia social*. Barcelona: Paidós, 1988.

\_\_\_\_\_. **As representações sociais.** Rio. EDUERJ, 1999.

LE GOFF, Jacques. **A civilização do ocidente medieval**. Bauru: EDUSC, 2005.

LODOLINI, Elio. **Archivistica: principi e problemi**. Milano: Franco Angeli Libri, 1990.

MARQUES, Angélica A. Da Cunha; RODRIGUES, Georgete Medleg. Os Cursos de Arquivologia no Brasil: *conquista de espaço acadêmico-institucional e delineamento de um campo científico*. In: **Anais do Congresso Brasileiro de Arquivologia**, ano: 2008. Disponível em: <<[http://www.aag.org.br/anaixvcbba/conteudo/resumos/comunicacoes\\_livres/angelica.pdf](http://www.aag.org.br/anaixvcbba/conteudo/resumos/comunicacoes_livres/angelica.pdf)>> Acessado em: 21 de junho de 2011.

MARQUES, Angélica Alves da Cunha. **Os espaços e os diálogos da formação e configuração da Arquivística como disciplina no Brasil**. 2007. 298 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita**. 2. ed. ilustr., rev. e atual. São Paulo: Ática, 1996.

MOSCOVICI, Serge (1961) **La psychanalyse, son image et son public**. Paris: PUF, (1976).

BRASIL. Ministério Público da União. EDITAL Nº 1 – PGR/MPU, DE 30 DE JUNHO DE 2010. Abertura de Concurso Público para servidores do MPU. Disponível em: <<[http://www.cespe.unb.br/concursos/mpu2010/arquivos/ED\\_1\\_2010\\_MPU\\_30\\_6\\_FINAL\\_SEM\\_O\\_CONTEDO\\_\\_VER\\_OBSERVAO\\_FINAL\\_\\_06.07.2010.PDF](http://www.cespe.unb.br/concursos/mpu2010/arquivos/ED_1_2010_MPU_30_6_FINAL_SEM_O_CONTEDO__VER_OBSERVAO_FINAL__06.07.2010.PDF)>> Acessado em: 18 de junho de 2011.

NOBREGA, S.M.; COUTINHO, M.P.L. O teste de associação livre de palavras. In: COUTINHO, M.P.L., LIMA, A.S., OLIVEIRA, F.B. e FORTUNATO, M.L. (Org) **Representações sociais: abordagem interdisciplinar**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2003.

NÓBREGA, S. M., FONTES, E.P.G. e PAULA, F.M. Do amor e da dor: representações sociais sobre o amor e o sofrimento psíquico. **Estudos de Psicologia**, PUC: Campinas, SP, v. 22, n.01, 2005.

OLIVEIRA, F.; WERBA, G. Representações sociais. In: Strey, NEVES, et al. **Psicologia social contemporânea: livro-texto**. Petrópolis: Vozes, 2001. p.104-117.

SÁ, Celso Pereira. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.

SANTOS, Vanderlei Batista dos. **A prática arquivística em tempos de gestão do conhecimento**. In: NARELLI, Humberto Celeste; SOUSA, Renato Tarciso Barbosa de (orgs). In: **Arquivística: temas contemporâneos: classificação, preservação digital, gestão do conhecimento**. Distrito Federal: SENAC, 2007.

SOUSA, Paulo Tarso. Teoria da Jurisdição e Capital Social: abordagens para o estudo do profissional da informação. **Inf. & Soc. Est.**, João Pessoa, v.17, n.2, p.41-50, maio/ago. 2007.

SOUZA, Francisco das Chagas de. A formação acadêmica de bibliotecários e cientistas da informação e sua visibilidade, identidade e reconhecimento social no Brasil. **Inf. & Soc.:Est.**, João Pessoa, v.16, n.1, p.23-34, Jan./jun. 2006.

## ANEXOS

## ANEXO A: Dicionário de palavras e frequência

TRI-DEUX Version 2.2  
 Renseignements Ph.Cibois UFR Sciences sociales Paris V  
 12 rue Cujas - 75005 PARIS  
 Programme IMPMOT

Nombre de lignes lues en entrée **71**    **42** ARQUIVO    **29** BIBLIO  
 Nombre de mots écrits en sortie **548**    ARQUIVOLOGIA=325    BIBLIOTECONOMIA=223  
 Nombre de mots de longueur sup,rieure ... 10 = 0  
 seuls les 10 premiers sont été imprimés  
 D,coupage en mots terminé  
 Tri terminé  
 Les mots sont mis en 4 caractères  
 Impression de la liste des mots

ACERV1	ACER	1	ACESS1	ACE1	3	AGIL2	AGIL	3	ALFA1	ALFA	1
AMOR2	AMOR	2	ARQUI1	ARQU	50	ARQUI2	ARQ1	18	ASSOCI2	ASSO	1
AUXI2	AUXI	1	BIBLI	BIBL	1	BIBLI1	BIB1	10	CARTA2	CART	1
CARTO1	CAR1	1	CIEN1	CIEN	9	CIEN2	CIE1	2	CONFI1	CONF	1
CONSER2	CON1	1	COOPE2	COOP	1	CORAG1	CORA	1	CRIAT2	CRIA	1
CUIDA2	CUID	8	CULTU1	CULT	1	CURSO1	CURS	6	DESCRI1	DESC	1
DESCRI2	DES1	1	DESEM2	DES2	1	DIFI2	DIFI	1	DIGI1	DIGI	1
DISCI2	DISC	6	DOCU	DOCU	1	DOCU1	DOC1	42	DOCU2	DOC2	13
ELIMI1	ELIM	1	ESPEC2	ESPE	1	ESTU1	ESTU	9	ESTU2	EST1	4
ETICA2	ETIC	11	FACI2	FACI	1	FORCA2	FORC	1	FUNDO1	FUND	1
FUTU1	FUTU	2	FUTU2	FUT1	2	GARRA2	GARR	1	GESTAO1	GEST	12
GESTOR2	GES1	9	HABI1	HABI	1	HISTO1	HIST	11	IDENT1	IDEN	1
IMPOR2	IMPO	1	INDEP1	INDE	1	INDEX2	IND1	1	INFO1	INFO	27
INFO2	INF1	8	INFOR2	INF2	1	INSTR2	INST	1	INTEL2	INTE	1
LEIS1	LEIS	1	LIMPO2	LIMP	1	LISTA1	LIST	1	MEMO1	MEMO	8
METOD2	METO	1	NAO1	NAO1	1	NAO2	NAO1	1	NECES2	NECE	1
ORGA1	ORGA	26	ORGA2	ORG1	22	ORGU2	ORG2	1	OTIMI2	OTIM	1
PACIE1	PACI	1	PACIE2	PAC1	3	PAPEL1	PAPE	10	PASTA1	PAST	4
PASTA2	PAS1	1	PERSE2	PERS	1	PESERV2	PESE	1	PESQUI1	PES1	6
PESQUI2	PES2	3	PESSE2	PES3	1	POEIRA1	POEI	3	PRECON2	PREC	1
PRESER1	PRE1	13	PRINCI2	PRIN	1	PROFI1	PROF	4	PROFI2	PRO1	55
PROSP1	PRO2	1	PROVEN1	PRO3	1	PROVI1	PRO4	1	PUBLI2	PUBL	1
RAPI2	RAPI	1	RECU2	RECU	1	REDE1	REDE	1	REPPE1	REPR	1
REQUIS2	REQU	1	RESPON1	RESP	3	RESPON2	RES1	22	RESTA2	RES2	1
SEGUR1	SEGU	1	SERIE1	SERI	1	SISTE1	SIST	1	SUPOR1	SUPOR	2
TECNI1	TECN	1	TECNI2	TEC1	5	TRABA1	TRAB	12	TRABA2	TRA1	14
USUAR1	USUA	1	USUAR2	USU1	1	VIDEO1	VIDE	1			

Nombre de mots entrés **548**

Nombre de mots différents **107**

Question 015 Position 15 Code-max. 2  
 Tot. 1 2  
 548 325 223  
 100 59.3 40.7

Question 016 Position 16 Code-max. 2  
 Tot. 1 2  
 548 217 331  
 100 39.6 60.4

Question 017 Position 17 Code-max. 3  
 Tot. 1 2 3  
 548 160 353 35  
 100 29.2 64.4 6.4



## ANEXO B. AFC: Analyse des Écart à l'indépendance

AFC : Analyse des correspondances  
\*\*\*\*\*

Le phi-deux est de : 0.112389

Facteur 1  
Valeur propre = 0.066816  
Pourcentage du total = 59.5

Facteur 2  
Valeur propre = 0.027364  
Pourcentage du total = 24.3

Facteur 3  
Valeur propre = 0.011263  
Pourcentage du total = 10.0

Facteur 4  
Valeur propre = 0.006946  
Pourcentage du total = 6.2

Coordonnées factorielles (F= ) et contributions pour le facteur (CPF)  
Lignes du tableau

ACT.	F=1	CPF	F=2	CPF	F=3	CPF	F=4	CPF	
ARQU	-65	7	-69	19	-34	11	79	99	ARQUI1
ARQ1	-149	13	129	24	58	12	-40	9	ARQUI2
BIB1	-298	29	-31	1	-204	81	-70	15	BIBLI1
CIEN	419	52	-67	3	2	0	33	3	CIEN1
CUID	-321	27	-12	0	-28	1	110	31	CUIDA2
CURS	-508	51	-7	0	165	32	-209	83	CURSO1
DISC	392	30	448	97	-47	3	101	19	DISCI2
DOC1	-22	1	45	7	-3	0	-91	110	DOCU1
DOC2	-436	81	92	9	-18	1	84	29	DOCU2
ESTU	107	3	217	34	353	220	22	1	ESTU1
EST1	-83	1	-210	14	66	3	44	2	ESTU2
ETIC	398	57	264	62	-9	0	-82	24	ETICA2
GEST	564	126	-193	36	43	4	114	50	GESTAO1
GES1	769	175	-323	76	-125	28	-175	87	GESTOR2
HIST	-166	10	-314	88	169	62	-167	98	HISTO1
INFO	209	39	-73	12	-3	0	63	34	INFO1
INF1	143	5	-143	13	-175	48	-7	0	INFO2
MEMO	219	13	-176	20	265	110	1	0	MEMO1
ORGA	-130	15	83	14	-76	29	19	3	ORGA1
ORG1	-268	52	-211	79	-157	106	20	3	ORGA2
PAPE	-136	6	-366	108	25	1	-12	0	PAPEL1
PAST	-136	2	618	123	-165	21	-298	112	PASTA1
PES1	7	0	50	1	133	21	137	36	PESQUI1
PRE1	292	36	241	61	-52	7	3	0	PRESER1
PROF	-560	41	186	11	-121	12	177	40	PROFI1
PRO1	65	8	24	2	73	57	17	5	PROFI2
RES1	145	15	201	72	-96	40	21	3	RESPON2
TEC1	213	8	-140	8	-185	33	-242	93	TECNI2

---

```

TRAB  -331  43  -55  3  57  8  -11  0  TRAB1
TRA1  -333  51  55  3  134  49  -48  10  TRABA2
*-----*-----*-----*-----*-----*-----*-----*
*      *      *1000*      *1000*      *1000*      *1000*
*-----*-----*-----*-----*-----*-----*-----*

```

Modalités en colonne (Variáveis Sócio-demográficas)

```

*-----*-----*-----*-----*-----*-----*-----*
ACT.    F=1  CPF    F=2  CPF    F=3  CPF    F=4  CPF
*-----*-----*-----*-----*-----*-----*-----*
0151    327  311    65   30    30   16    46   60  ARQUIVOLOGIA
0152   -458  436   -91   42   -42   22   -65   84  BIBLIOTECONOMIA
0161    213   88  -288  392    51   29   -75  103  MASCULINO
0162   -135   55   182  248   -32   19    47   65  FEMININO
0171    -69    7   184  117   227  436  -105  153  RENDA até 1 SALÁRIO
0172    -27    2  -113  100   -52   52    81  201  1 SALÁRIO- 2.449,00
0173    545  101   294   72  -459  426  -319  333  = > 2.500,00
*-----*-----*-----*-----*-----*-----*-----*
*      *      *1000*      *1000*      *1000*      *1000*
*-----*-----*-----*-----*-----*-----*-----*

```

Fin normale du programme

## ANEXO C: Banco de dados

122ARQUI1 DESCR1 GESTAO1 INFO1 CIEN1 PROFI2 DISCI2 PRECON2 DIFI2 OTIMI2\*  
 113ARQUI1 DOCU1 CIEN1 INFO1 GESTAO1 PROFI2 TECNI2 CIEN2 INFO2 GESTOR2\*  
 112GESTAO1 DOCU1 INFO1 PRESER1 ARQUI1 PROFI2 GESTOR2\*  
 111INFO1 GESTAO1 MEMO1 SUPOR1 HISTO1 PRESER1 SEGUR1 CIEN1 SISTE1 REDE1  
 ACESS1 USUAR1 ORGA1 ESTU1 PROFI2 GESTOR2 RESPON2 USUAR2\*  
 122DOCU1 ORGA1 INFO1 CIEN1 PESQUI1 PROFI2 INDEX2 ORGA2 ESTU2\*  
 112ARQUI1 ORGA1 GESTAO1 DOCU1 INFO1 PROFI2 ARQUI2 GESTOR2 TECNI2 RESPON2\*  
 121ORGA1 CIEN1 INFO1 DOCU1 SUPOR1 PROFI2 RESPON2 ETICA2 DISCI2 AGIL2\*  
 122ORGA1 PRESER1 INFO1 PESQUI1 ORGA2 AGIL2 RESPON2 PROFI2 ETICA2\*  
 112ARQUI1 PAPEL1 ORGA1 PROFI2\*  
 123DOCU1 INFO1 ARQUI1 BIBLI1 PASTA1 PROFI2 ETICA2 RESPON2 ARQUI2\*  
 112ARQUI1 GESTAO1 CIEN1 INFO1 REPRES1 BIBLI1 PROFI2 GESTOR2 ORGA2 ESTU2  
 ASSOCI2\*  
 112ARQUI1 PAPEL1 DIGI1 RESPON1 SERIE1 ORGU2 PROFI2 IMPOR2\*  
 122CIEN1 ARQUI1 DOCU1 PROFI2 ARQUI2 INFOR2\*  
 112ARQUI1 MEMO1 CIEN1 ESTU1 CURSO1 PROFI2 TRABA2 GESTOR2 PESSO2\*  
 112ARQUI1 DOCU1 GESTAO1 ESTU1 PROFI2 DISCI2 TECNI2 CIEN2\*  
 122ARQUI1 DOCU1 ESTU1 MEMO1 INFO1 ETICA2 RESPON2 PROFI2\*  
 122ARQUI1 DOCU1 PROFI1 PRESER1 ELIMI1 PROFI2 TRABA2 RESPON2 DESCR12 DOCU2\*  
 122ARQUI1 GESTAO1 PRESER1 PROFI2 INFO2 GESTOR2\*  
 121HISTO1 PRESER1 PESQUI1 PROFI2 DISCI2 RESPON2\*  
 121FUTU1 TRABA1 PROSP1 INDEP1 PROFI2 AMOR2 FORCA2 DESEM2 PESERV2 GARRA2\*  
 112PAPEL1 INFO1 ORGA1 PESQUI1 BIBLI1 PROFI2 ORGA2 CRIAT2 RESPON2 ETICA2\*  
 121ARQUI1 ESTU1 PROFI2 TRABA2 ARQUI2\*  
 122DOCU1 INFO1 ESTU1 CARTO1 PROFI2\*  
 121ARQUI1 DOCU1 INFO1 PROFI2 RESPON2\*  
 121ARQUI1 ORGA1 PRESER1 LEIS1 PROFI2 RESPON2 CUIDA2 REQUIS2\*  
 123ORGA1 DOCU1 PRESER1 PROFI2 RESPON2 DISCI2 ETICA2\*  
 122ARQUI1 INFO1 DOCU1 PROFI2\*  
 111GESTAO1 DOCU1 FUTU1 PROFI2 ETICA2\*  
 122DOCU1 ARQUI1 PASTA1 DOCU2 ARQUI2 DOCU PASTA2 CARTA2\*  
 121INFO1 ESTU1 ORGA1 MEMO1 PRESER1 PROFI2 INFO2\*  
 122ARQUI1 ORGA1 FUNDO1 PROVEN1 GESTAO1 FUTU2 ORGA2 ARQUI2\*  
 121DOCU1 ARQUI1 PROFI2 ARQUI2 TRABA2\*  
 112ARQUI1 DOCU1 INFO1 PAPEL1 PROFI2 TRABA2 ORGA2 PRINCI2\*  
 111ARQUI1 TRABA1 INFO1 DOCU1 PROFI2 RESPON2 ETICA2\*  
 122CULTU1 HISTO1 MEMO1 PRESER1 IDENT1 RESPON2 ETICA2 AMOR2 DISCI2 NECES2\*  
 113PRESER1 DOCU1 ACESS1 ORGA1 PROV1 RESPON2 GESTOR2 ORGA2 PERSE2\*  
 111DOCU1 ARQUI1 ACERV1 DOCU2 ARQUI2\*  
 111DOCU1 INFO1 TRABA1 ETICA2 PROFI2 FUTU2\*  
 122ORGA1 ACESS1 TRABA1 RESPON2\*  
 112RESPON1 HISTO1 ARQUI1 MEMO1 CONF1 CUIDA2 GESTOR2 INFO2 PROFI2\*  
 122GESTAO1 DOCU1 ARQUI1 CUIDA2 DOCU2 PROFI2 ARQUI2\*  
 112ARQUI1 INFO1 GESTAO1 PROFI2 INFO2\*  
 221ARQUI1 ORGA1 TRABA1 PROFI2 ARQUI2\*  
 211DOCU1 PAPEL1 POEIRA1 MEMO1 HISTO1 PROFI2 ORGA2 RESTA2\*  
 212ARQUI1 ORGA1 PRESER1 MEMO1 HISTO1 METOD2 RAPI2 AGIL2 ORGA2 INTEL2\*  
 221ARQUI1 DOCU1 PROFI1 CURSO1 NAO1 PROFI2 ORGA2 DOCU2 ARQUI2 NAO2\*  
 222ARQUI1 ORGA1 ALFA1 BIBLI1 PAPEL1 ETICA2 RESPON2 LIMPO2\*  
 222ARQUI1 ORGA1 INFO1 TECNI1 DOCU1 RESPON2 ORGA2 PROFI2 TECNI2\*  
 212HISTO1 DOCU1 INFO1 ARQUI1 PROFI2 ARQUI2 ORGA2 TRABA2 PUBLI2\*  
 222DOCU1 PRESER1 ORGA1 ARQUI1 TRABA1 ORGA2 PROFI2 FACI2 RESPON2\*  
 212ARQUI1 DOCU1 POEIRA1 PACIE2 CUIDA2 ORGA2 ESTU2\*  
 222ARQUI1 DOCU1 VIDEO1 PROFI1 ORGA1 PROFI2 ORGA2 ARQUI2 CUIDA2 INFO2 DOCU2\*  
 212DOCU1 INFO1 CIEN1 PESQUI1 TRABA1 PROFI2 ESPEC2 RECU2 CONSER2 ORGA2\*  
 221ARQUI1 DOCU1 ORGA1 CURSO1 ARQUI2 DOCU2 ORGA2 TRABA2\*  
 222ARQUI1 BIBLI1 PAPEL1 TRABA1 ORGA2 RESPON2 PACIE2\*  
 221ORGA1 DOCU1 LISTA1 ESTU1 BIBLI1 PROFI2 TECNI2 DOCU2 TRABA2\*  
 221DOCU1 HISTO1\*

212ARQUI1 HISTO1 BIBLI1 DOCU1 PAPEL1 PROFI2 ARQUI2 DOCU2 BIBLI\*  
 222ARQUI1 BIBLI1 DOCU2\*  
 221ARQUI1 PAPEL1 BIBLI1 DOCU1 PASTA1 ARQUI2 PROFI2\*  
 222ARQUI1 DOCU1 CURSO1 ORGA1 BIBLI1 ORGA2 TRABA2 PROFI2\*  
 222ARQUI1 ORGA1 POEIRA1 TRABA1 PROFI2 ORGA2 TRABA2\*  
 221PESQUI1 ESTU1 RESPON1 HABI1 CORAG1 TRABA2 ESTU2\*  
 222ARQUI1 PAPEL1 INFO1 ORGA1 TRABA1 PROFI2 INSTR2 AUXI2 COOPE2 INFO2\*  
 221DOCU1 ARQUI1 PASTA1 CURSO1 CUIDA2 TRABA2 PROFI2\*  
 212ARQUI1 TRABA1 ORGA1 CURSO1 ARQUI2 PROFI2 TRABA2\*  
 222ARQUI1 DOCU1 INFO1 CUIDA2 DOCU2 PESQUI2\*  
 222ARQUI1 DOCU1 INFO1 CUIDA2 DOCU2 PESQUI2\*  
 212ARQUI1 DOCU1 INFO1 HISTO1 RESPON2 PROFI2 INFO2 PESQUI2\*  
 222ORGA1 TRABA1 PROFI1 PACIE1 PROFI2 RESPON2 ORGA2 PACIE2\*  
 222ARQUI1 DOCU1 HISTO1 PROFI2 TRABA2 ARQUI2 ORGA2 DOCU2\*

1 ARQUIVOLOGIA	N=71 fa	% fr	2 ARQUIVISTA	N=71 Fa	% fr
Arquivo	50	70.4	Profissão	55	77.4
Documento	42	63.3	Responsabilidade	22	30.9
Informação	27	38.0	Organização	22	30.9
Organização	26	36.6	Arquivo	18	25.3
Preservação	13	18.3	Trabalho	14	19.7
Trabalho	12	16.9	Documento	13	18.3
Gestão	12	16.9	Ética	11	15.4
Historia	11	15.4	Gestor	9	12.6
Biblioteca	10	14.0	Informação	8	11.2
Papel	10	14.0	Cuida	8	11.2
Ciência	11	12.6	Disciplina	6	8.4
Estudo	9	12.6	Técnica	5	7.0
Memória	8	11.2	Estudo	4	5.6
Curso	6	8.4	Pesquisa	3	4.2
Pesquisa	6	8.4	Ágil	3	4.2
Profissão	4	5.6	Paciência	3	4.2
Pasta	4	5.6	Auxiliar	1	
Poeira	3	4.2	Conservação	1	
acesso	3	4.2	Importante	1	
Acervo	1		Método	1	
Cartolina	1		Pasta	1	
Eliminação	1		Rapidez	1	
Futuro	1		Pesquisa	1	
Leis	1		Cooperação	1	
Paciência	1		Desempenho	1	
Prosperidade	1		Especialidade	1	
Segurança	1		Facilidade	1	
Técnica	1		Futuro	1	
Usuário	1		Informação	1	
Acesso	1		Limpo	1	
Biblioteca	1		Perseverança	1	
Cultura	1		Princípio	1	
Habilidade	1		Recurso	1	
Independência	1		Usuário	1	
Não sei	1		Ágil=3	3	
Proveniência	1		Ciência=2	2	
Seriedade			Força	1	
Coragem	1		Garra	1	
Lista			Indexar	1	
Rede			Instrução	1	
Sistema			Orgulho	1	
video			Criativo	1	

Digital			Inteligência	1	
Fundo			Necessário	1	
Identidade			Otimismo	1	
Representação			Preconceito	1	
Suporte			Publico	1	
			Restaurador	1	

## ANEXO D: Dicionário exclusivo das respostas dos alunos de Arquivologia

Nombre de lignes lues en entr,e **42 SUJEITOS**  
 Nombre de mots ,crits en sortie **325 Total de palavras**  
 Impression de la liste des mots

ACERV1	ACER	1	ACESS1	ACE1	3	AGIL2	AGIL	2	AMOR2	AMOR	2
<b>ARQUI1</b>	<b>ARQU</b>	<b>27</b>	ARQUI2	ARQ1	9	ASSOCI2	ASSO	1	BIBLI1	BIBL	3
CARTA2	CART	1	CARTO1	CAR1	1	CIEN1	CIEN	8	CIEN2	CIE1	2
CONF11	CONF	1	CRIAT2	CRIA	1	CUIDA2	CUID	3	CULTU1	CULT	1
CURSO1	CURS	1	DESCRI1	DESC	1	DESCRI2	DES1	1	DESEM2	DES2	1
DIFI2	DIFI	1	DIGI1	DIGI	1	DISCI2	DISC	6	DOCU	DOCU	1
DOCU1	DOC1	23	DOCU2	DOC2	4	ELIMI1	ELIM	1	ESTU1	ESTU	7
ESTU2	EST1	2	<b>ETICA2</b>	<b>ETIC</b>	<b>10</b>	FORCA2	FORC	1	FUNDO1	FUND	1
FUTU1	FUTU	2	FUTU2	FUT1	2	GARRA2	GARR	1	GESTAO1	GEST	12
GESTOR2	GES1	9	HISTO1	HIST	4	IDENT1	IDEN	1	IMPOR2	IMPO	1
INDEP1	INDE	1	INDEX2	IND1	1	<b>INFO1</b>	<b>INFO</b>	<b>20</b>	INFO2	INF1	5
INFOR2	INF2	1	LEIS1	LEIS	1	MEMO1	MEMO	6	NECES2	NECE	1
ORGA1	ORGA	13	ORGA2	ORG1	7	ORGU2	ORG2	1	OTIMI2	OTIM	1
PAPEL1	PAPE	4	PASTA1	PAST	2	PASTA2	PAS1	1	PERSE2	PERS	1
PESERV2	PESE	1	PESQUI1	PES1	4	PESSO2	PES2	1	PRECON2	PREC	1
PRESER1	PRE1	11	PRINCI2	PRIN	1	PROFI1	PROF	1	PROFI2	PRO1	36
PROSP1	PRO2	1	PROVEN1	PRO3	1	PROVI1	PRO4	1	REDE1	REDE	1
REPRES1	REPR	1	REQUIS2	REQU	1	RESPON1	RESP	2	RESPON2	RES1	16
SEGUR1	SEGU	1	SERIE1	SERI	1	SISTE1	SIST	1	SUPOR1	SUPOR	2
TECNI2	TECN	3	TRABA1	TRAB	4	TRABA2	TRA1	5	USUAR1	USUA	1
USUAR2	USU1	1									

Nombre de mots entr,s **325**

Nombre de mots diff,rents **81**

Impression des tris ... plat

Question 015 Position 15 Code-max. 1  
 Tot. 1  
 325 325  
 100100.0

Question 016 Position 16 Code-max. 2  
 Tot. 1 2  
 325 149 176  
 100 45.8 54.2

Question 017 Position 17 Code-max. 3  
 Tot. 1 2 3  
 325 97 193 35  
 100 29.8 59.4 10.8

## APÊNDICE A

### QUESTIONÁRIO:

#### PROJETO DE CONCLUSÃO DE CURSO: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO CURSO DE ARQUIVOLOGIA DA UFPB

O presente questionário é parte integrante de pesquisa de REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO CURSO DE ARQUIVOLOGIA e tem como objetivo investigar as representações sociais construídas sobre o profissional e sobre o Curso de Arquivologia da UFPB. Para tanto, solicitamos sua colaboração, no sentido de responder ao questionário abaixo, para fins de coleta de dados.

Qual o seu curso? \_\_\_\_\_ Qual o período? \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_ anos

Sexo: ( ) Masculino ( ) Feminino

Tem outra graduação ou pós-graduação? Se responder SIM, diga qual.

( ) Sim ( ) Não

---

Qual é a sua renda atual?

- ( ) Menos de R\$ 510,00
- ( ) De R\$ 510,00 a R\$ 899,99
- ( ) De R\$ 900,00 a R\$ 1.249,99
- ( ) De R\$ 1.300,00 a R\$ 1.449,99
- ( ) De R\$ 1.500,00 a R\$ 1.899,99
- ( ) De R\$ 1.900,00 a R\$ 2.449,99
- ( ) Acima de R\$ 2.500,00

### TESTE DE ASSOCIAÇÃO LIVRE DE PALAVRAS

**E1:** O QUE LHE VEM À MENTE, QUANDO EU LHE DIGO ARQUIVOLOGIA?  
ESCREVA O MAIOR NÚMERO DE PALAVRAS QUE LHE OCORREM QUANDO VOCÊ  
PENSA SOBRE ISSO.

---

---

---

---

---

**E2:** O QUE LHE VEM À MENTE, QUANDO EU LHE DIGO ARQUIVISTA? ESCREVA O  
MAIOR NÚMERO DE PALAVRAS QUE LHE OCORREM QUANDO VOCÊ PENSA SOBRE  
ISSO.

---

---

---

---

---